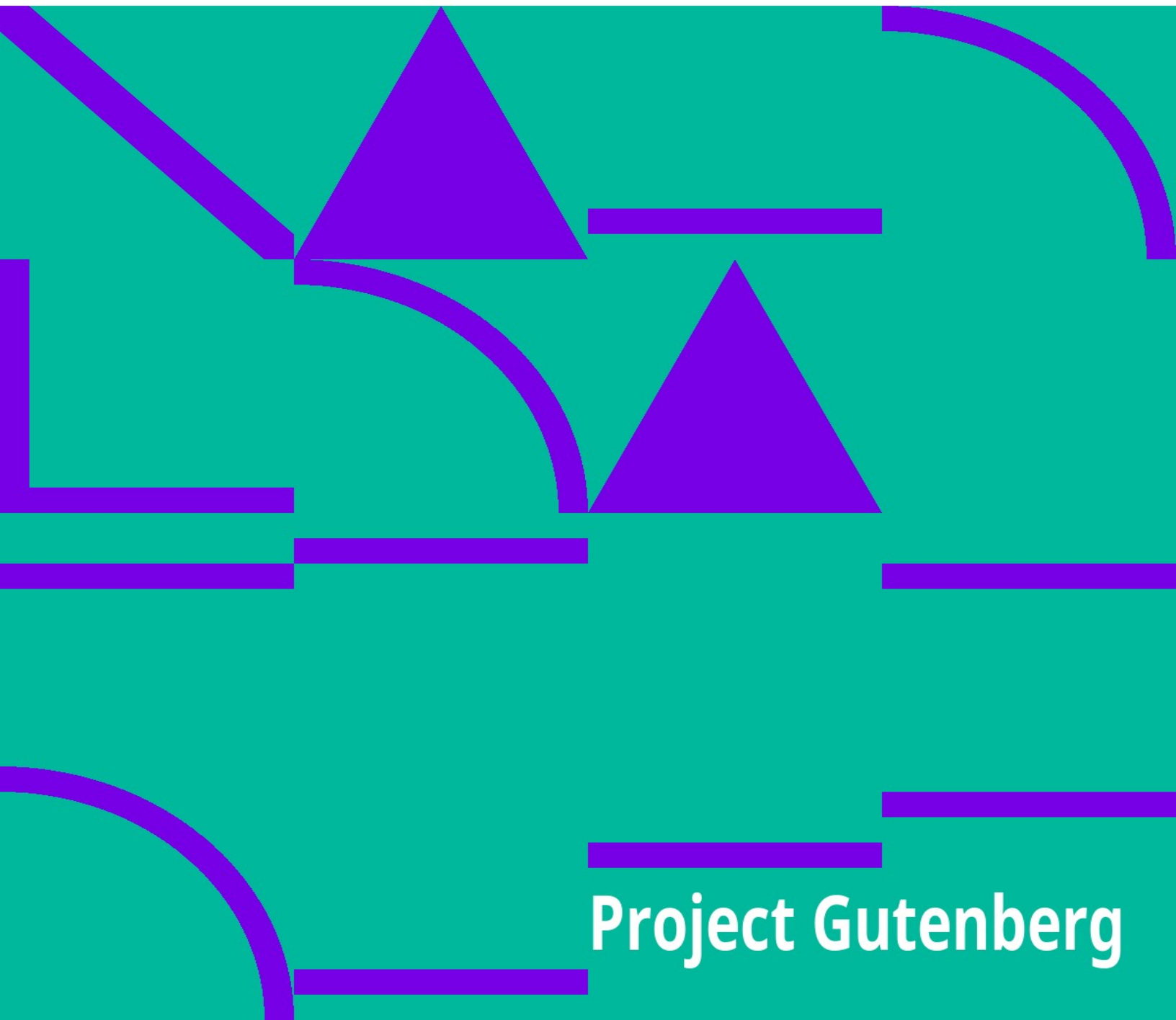


Marília de Dirceu

Tomás António Gonzaga



Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Marilia de Dirceo

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Marilia de Dirceo

Author: Tomás António Gonzaga

Release date: March 30, 2006 [eBook #18082]

Language: Portuguese

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK MARILIA DE DIRCEO ***

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed

Proofreading Team at <http://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

MARILIA DE DIRCEO.

MARILIA DE DIRCEO.

POR T.A.G.

PRIMEIRA PARTE.

LISBOA:

Na Typ. de J.F.M. de Campos. 1824.

MARILIA DE DIRCEO.

LYRA I.

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóes queimado.
Tenho proprio casal, e nelle assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,
Das brancas ovelhinas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bella,
Graças á minha Estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
Dos annos inda não está cortado:
Os Pastores, que habitão este monte,
Respeitão o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste:
Ao som della concerto a voz celeste;
Nem canto letra que não seja minha.

Graças, Marília bella,
Graças á minha Estrella!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só aprêço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que o teu affecto me segura,
Que queres do que tenho ser Senhora.
He bom, minha Marilia, he bom ser dono
De hum rebanho, que cubra monte, e prado
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais [~q] h[~u] rebanho, e mais [~q] h[~u] throno.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Os teus olhos espalhão luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoila, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são côr da neve.
Os teus cabellos são huns fios d'ouro;
Teu lindo corpo balsamos vapora.
Ah! não, não fez o Ceo, gentil Pastora,
Para gloria de Amor igual Thesouro.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado:
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar huma rez, o nedeo gado.
Já destes bens, Marilia, não preciso:
Nem me céga a paixão, que o mundo arrasta,
Para viver feliz, Marilia, basta
Que os olhos movas, e me dês hum riso.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Hirás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marilia, no meu braço;
Aqui descançarei a quente sésta,
Dormindo num leve somno em teu regaço:
Era quanto a luta jogão os Pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Depois que nos ferir a mão da Morte
Ou seja neste monte, ou n'outra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra.
Na campa, rodeada de cyprestes,
Lerão estas palavras os Pastores:
"Quem quizer ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos que nos derão estes"

Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

LYRA II.

Pintão, Marilia, os Poetas
A hum menino vendado,
Com huma aljava de settas,
Arco empunhado na mão:
Ligeiras azas nos hombros,
O tenro corpo despido;
E de Amor, ou de Cupido
São os nomes que lhe dão.

Porém eu, Marilia, nego,
Que assim seja Amor; pois elle
Nem he moço, nem he cégo,
Nem settas, nem azas tem,
Ora pois, eu vou formar-lhe
Hum retrato mais perfeito,
Que elle já ferio meu peito;
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos;
Que sobre as costas ondeão,
São que os de Apollo mais bellos;

Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, hum composto
Da mais formosa união.

Tem redonda, e lisa testa;
Arqueadas sobancelhas;
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são huns sóes,
Aqui vence Amor ao Ceo,
Que no dia luminoso
O Ceo tem hum Sol formoso,
E o travesso Amor tem dous.

Na sua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Branças folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beijos são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito
Dei logo hum suspiro, e elle
Conheceo haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava:

Vendo que o via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe hum dia formoso;
Elle ouvindo os seus louvores
Com hum modo desdenhoso,
Se surrio, e não fallou.
Pintei-lhe outra vez o estado,
Em que estava esta alma posta;
Não me deo tambem resposta,
Constrangeo-se, e suspirou.

Conheço os signaes, e logo
Animado da esperança,
Busco dar hum desaffogo
Ao cansado coração.
Pégo em seus dedos nevados,
E querendo dar-lhe hum beijo,
Cubrio-se todo de pejo,
E fugio-me com a mão.

Tu, Marilia, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Comtigo estarás dizendo,
Que he este o retrato teu.
Sim, Marilia, a copia he tua,
Que Cupido he Deos supposto:
Se ha Cupido he só teu rosto,
Que elle foi quem me venceo.

LYRA III.

De amar, minha Marilia, a formosura
Não se podem livrar humanos peitos.
Adorão os Heróis, e os mesmos brutos
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
Quem, Marilia, despreza huma beleza,
 A luz da razão precisa,
 E se tem discurso, pisa
A Lei, que lhe ditou a Natureza.

 Cupido entrou no Ceo. O grande Jove
Huma vez se mudou em chuva de ouro:
Outras vezes tomou as varias fórmãs
De General de Thebas, velha, e touro,
O proprio Deos da Guerra deshumano
 Não viveo de amor illeso;
 Quiz a Venus, e foi prezo
Na rede, que lhe armou o Deos Vulcano.

 Se amar huma beleza se desculpa
Em quem ao proprio Ceo, e terra move;
Qual he a minha gloria, pois igualo,

Ou excedo no amor ao mesmo Jove?

Amou o Pai dos Deoses Soberano

Hum semblante peregrino:

Eu adoro o teu divino,

O teu divino rosto, e sou humano.

LYRA IV.

Marilia, teus olhos
São réos, e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pezados
De injusto Senhor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingua prendeo-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

A vista furtiva,
O risco imperfeito,
Fizerão a chaga,
Que abriste no peito
Mais funda, e maior.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te;
Levava o teu gado
Á fonte mais clara,
Á vargem, e prado
De relva melhor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se vinha da herdade,
Trazia nos ninhos
As aves nascidas,
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se alguém te louvava
De gosto me enchia;
Mas sempre o ciúme
No rosto accendia
Hum vivo calor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se estavas alegre,
Dirceo se alegrava;
Se estavas sentida,
Dirceo suspirava
Á força da dor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Fallando com Laura,
Marilia dizia;
Surria-se aquella,
E eu conhecia
O erro de amor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Movida, Marilia,
De tanta ternura,
Nos braços me déste,
Da tua fé pura
Hum doce penhor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Tu mesma disseste
Que tudo podia
Mudar de figura;
Mas nunca seria
Teu peito traidor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Tu já te mudaste;
E a Olaia frondoza,
Aonde escreveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Mas eu te desculpo,
Que o fado tyranno
Te obriga a deixar-me;
Pois busca o meu damno
Da sorte, que for.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

LYRA V.

A caso são estes
Os sitios formosos,
Aonde passava
Os annos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Em quanto pastava
O manso rebanho,
Que Alceo me deixou?
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera que eu vou.

Daquelle penhasco
Hum rio cahia,
Ao som do sussurro
Que vezes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas

As pedras quebradas:

Parece que o rio

O curso voltou.

São estes os sitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera que eu vou.

Meus versos alegre

Aqui repetia:

O Eco as palavras

Tres vezes dizia.

Se chamo por elle

Já não me responde;

Parece se esconde,

Cansado de dar-me

Os ais que lhe dou.

São estes os sitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera que eu vou.

Aqui hum regato

Corria sereno,

Por marg[~e]s cobertas

De flores, e feno:

Á esquerda se erguia

Hum bosque fechado;

E o tempo apressado,

Que nada respeita,

Já tudo mudou.

São estes os sitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera que eu vou.

Mas como discorro?

Acaso podia

Já tudo mudar-se

No espaço de hum dia?

Existem as fontes,

E os freixos copados;

Dão flores os prados,

E corre a cascata,

Que nunca seccou.

São estes os sitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera que eu vou.

Minha alma, que tinha

Liberta a vontade,

Agora já sente

Amor, e saudade.

Os sitios formosos,

Que já me agradarão,

Ah! não se mudarão!

Mudarão-se os olhos,

De triste que estou.

São estes os sitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera que eu vou.

LYRA VI.

Oh! quanto póde em nós a varia Estrella!
Que diversos que são os genios nossos!
Qual solta a branca vélla,
E affronta sobre o pinho os mares grossos.
Qual cinge com a malha o peito duro;
E marchando na frente das cohortes,
Faz a toare voar, cahir o muro.

O sordido avarento em vão trabalha,
Que possa o filho entrar no seu Thesouro.
Aqui fechado estende
Sobre a taboa, que verga, as barras de ouro.
Sacode o jogador da copo os dados;
E n'uma noite só, que ao somno rouba,
Perde o resto dos bens do pai herdados.

O que da voráz gulla o vicio adora
Da lauta meza os prazeres fia.
E o terno Alceste chora
Ao som dos versos a que o genio o guia.
O sabio Gallileo toma o compasso,

E sem voar ao Ceo, calcula, e mede
Das Estrellas, e Sol o immenso espaço.

Em quanto pois, Marilia, a varia gente,
Se deixa conduzir do proprio gosto;
Passo as horas contente
Notando as graças do teu lindo rosto.
Sem cansar-me a saber se o Sol se móve,
Ou se a terra voltea, assim conheço.
Aonde chega a mão do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os teus cabellos;
E noto as faces de Jasmins, e rosas:
Noto os teus olhos bellos;
Os brancos dentes, e as feições mimosas.
Quem fez huma obra tão perfeita, e linda,
Minha bella Marilia, tambem póde
Fazer os Ceos, e mais, se ha mais ainda.

LYRA VII.

Vou retratar a Marília,
A Marília meus amores;
Porém como, se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores!
Dar-mas a terra não póde;
Não que a sua côr mimosa
Vence o lyrio, vence a rosa:
O jasmim, e as outras flores.
Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traz-me as tintas do Ceo.

Mas não se esmoreça logo;
Busquemos hum pouco mais;
Nos mares talvez se encontrem
Cores que sejam iguaes.
Porém não, que em paralelo
Da minha Ninfa adorada
Perolas não valem nada,
Não valem nada os coraes.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traze-me as tintas do Ceo.

Só no Ceo achar se podem
Taes bellezas, como aquellas,
Que Marilia tem nos olhos,
E que tem nas faces bellas.
Mas ás faces graciosas,
Aos negros olhos, que matão,
Não imitação, não retratão
Nem Auroras, nem Estrellas.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traz-me as tintas do Ceo.

Entremos, Amor, entremos,
Entremos na mesma Esfera.
Venha Pallas, Venha Juno,
Venha a Deosa de Cithera.
Porém não, que se Marilia
No certame antigo entrasse,
Bem que a Paris não peitasse,
A todas as tres vencera.

Vai-te, Amor, em vão soccorres
Ao mais grato empenho meu:
Para formar-lhe o retrato
Não bastão tintas do Ceo.

LYRA VIII.

Marilia, de que te queixas?
De que te roube Dirceo
O sincero coração?
Não te deo também o seu?
E tu, Marilia, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
 Todos amão: só Marilia
 Desta Lei da Natureza
 Queria ter izeção?

 Em torno das castas pombas
Não rulão ternos pombinhos?
E rulão, Marilia, em vão?
Não se afagão c'os biquinhos?
E a provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
 Todos amão: só Marilia
 Desta Lei da Natureza
 Queria, ter izeção?

Já viste, minha Marília,
Avezinhas, que não fação
Os seus ninhos no verão?
Aquellas com quem se enlaço
Não vão cantar-lhe defronte
Do molle pouzo em que estão?

Todos amão: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter izenção?

Se os peixes, Marília, gerão
Nos bravos mares, e rios,
Tudo effeitos de Amor são.
Amão os brutos impios,
A serpente venenosa,
A Onça, o Tigre, o Leão.

Todos amão: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter izenção?

As grandes Deosas do Ceo,
Sentem a setta tyranna
Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Diana,
Não se abrasa, não suspira
Pelo amor de Endymão?

Todos amão: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter izenção?

Desiste, Marília bella,
De huma queixa sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chamma he inspirada
Pelo Ceo; pois nella assenta
A nossa conservação.

Todos amão: só Marília
Desta Lei da Natureza
Não deve ter izeção.

LYRA IX.

Eu sou, gentil Marília, eu sou captivo,
Porém não me venceo a mão armada
De ferro, e de furor:
Huma alma sobre todas elevada
Não cede a outra força que não seja
À tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora
Cadêas nas bigornas trabalhadas
Com pezados martellos:
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
Com duros ferros não, com fios d'ouro,
Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos
Cupido a tudo faz tyranna guerra:
Sacode a setta ardente;
E sendo despedida cá da terra,
As nuvens rompe, chega ao alto Impirio,
E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas
Tirão, Marília, os succos saborosos
Das orvalhadas flores:
Pendentes dos teus beijos graciosos
Ambrosias chupão, chupão mil feitiços
Nunca fartos Amores.

O vento quando parte em largas fitas
As folhas, que menêa com brandura;
A fonte crystallina,
Que sobre as pedras cáe de immensa altura;
Não fórma hum som tão doce, como fórma
A tua voz divina.

Em torno dos teus peitos, que palpitão;
Exalão mil suspiros desvelados
Enchames de desejos;
Se encontrão os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropelem, voão, chegão,
E dão furtivos beijos.

O Cisne, quando corta o manso lago,
Erguendo as brancas azas, e o pescoço;
A Náo que ao longe passa,
Quando o vento lhe infuna o panno grosso;
O teu garbo não tem, minha Marília,
Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade:
Eu prézo o captiveiro: sim, nem chamo
Á mão de Amor impia:
Honro a virtude, e os teus dotes amo:

Tambem o grande Achilles veste a saia
Tambem Alcides fia.

LYRA X.

Se existe hum peito,
Que izento viva
Da chamma activa,
Que accende Amor.

Ah! não habite
Neste montado;
Fuja apressado
Do vil traidor.

Corra, que o Impio
Aqui se esconde:
Não sei aonde;
Mas sei o que vi.

Traz novas settas,
Arco robusto;
Tremi de susto;
Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,
Tristes mortaes,
Quantos signaes

O Impio tem.

Oh! como he justo,
Que todo o humano
Hum tal tyranno
Conheça bem!

No corpo ainda
Menino existe:
Mas quem resiste
Ao braço seu?

Ao negro Inferno
Levou a guerra:
Vencêo a terra,
Vencêo o Ceo.

Já mais se cobrem
Seus membros bellos;
E os seus cabellos
Que lindos são!

Vendados olhos,
Que tudo alcanção,
E já mais lançaõ
A setta em vão.

As suas faces
São côr da neve;
E a bocca breve
Só rizados tem.

Mas, ah! respira
Negros venenos,

Que nem ao menos
Os olhos vem.

Aljava grande
Dependurada,
Sempre atacada
De bons farpões.

Fere com estas
Agudas lanças,
Pombinhas mansas,
Bravos leões.

Se a setta falta
Tem outra prompta,
Que a dura ponta
Já mais torção.

Ninguém resiste
Aos golpes della:
Marilia bella
Foi quem lha dêo.

Ah! não sustente
Dura peleija,
O que deseja
Ser vencedor.

Fuja, e não olhe,
Que só fugindo
De hum rosto lindo,
Se vence Amor.

LYRA XI.

Naõ toques, minha Musa, não, não toques
Na sonora Lyra,
Que ás almas, como a minha, namoradas
Doces Canções inspira:
Assopra no clarim, que apenas sôa
Enche de assombro a terra;
Naquelle, a cujo som cantou Homero,
Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que fórma
Cupido o seu thesouro:
Vivos olhos, e faces côr da neve,
Com crespos fios de ouro;
Meus olhos só vem gramas, e loureiros;
Vem carvalhos, e palmas;

Vem os ramos honrosos, que destinguem
As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Cantemos o Heróe, que já no berço
As Serpes despedaça;
Que fere os Cáculos, que destronca as Hidras,
Mais os leões que abraça.
Cantemos, se isto he pouco, a dura guerra
Dos Tritões, e Tyféos,
Que arrancão as montanhas, e atrevidos
Levão armas aos Ceos.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento,
Que a voz também levanto;
Porém tu déste muito assim o ponto,
Dirceo não póde tanto:
Abaixa, minha Musa, o tom, que ergueste;
Eu já, eu já te sigo.
Mas, ah! vou a dizer *Heróe*, e *Guerra*,
E só *Marília* digo.

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior,
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! sim, agora
Meu canto já se afina;
E a humã voz, parece que ao som dellas
Se faz tambem divina.
O mesmo que cercou de muro a Thebas
Não canta assim tão terno;
Nem póde competir comigo aquelle,
Que desce ao negro Inferno.

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior,
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Mal repito *Marilia*, as doces aves
Mostrão signaes de espanto,
Erguem os collos, voltão as cabeças,
Parão o ledó canto;
Move-se o tronco, o vento se suspende
Pasma o gado, e não come:
Quanto podem meus versos! Quanto póde
Só de Marilia o nome!

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

LYRA XII.

Topei hum dia
Ao Deos vendado,
Que descuidado
Não tinha as settas
Na impia mão.

Mal o conheço,
Me sóbe logo
Ao rosto o fogo,
Que a raiva accende
No coração.

Morre, Tyranno,
Morre, inimigo!
Mal isto digo,
Raivoso o apérto
Nos braços meus.

Tanto que o moço
Sente apertar-se,
Para salvar-se
Tambem me aperta
Nos braços seus.

O leve corpo
Ao ar levanto,
Ah! e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão!

Poude suste-se
A vez primeira;
Mas á terceira
Nos pés, que alarga,
Se firma em vão.

Mal o derrubo,
Ferro aguçado
No já cançado
Peito, que arqueja,
Mil golpes deo.

Suou seu corpo;
Tremêo gemendo;
E á côr perdendo,
Batêo as azas;
Em fim morreo.

Qual bravo Alcides,
Que a hirsuta pelle
Vestio daquelle
Grenhoso bruto,
A quem matou.

Para que próve
A empreza honrada,
C'o a mão manchada

Recolho as setas,
Que me deixou.

Ouvio Marilia
Que Amor gritava,
E como estava
Vizinha ao sitio
Valer-lhe vem.

Mas quando chega
Espavorida,
Nem já de vida
O féro monstro
Indicio tem.

Então Marilia,
Que o vê de perto
De pó cuberto,
E todo involto
No sangue seu;

As mãos aperta
No peito brando,
E afflictta dando
Hum ai, os olhos
Levanta ao Ceo.

Chega-se a elle
Compadecida;
Lava a ferida
C'o pranto amargo,
Que deramou.

Então o monstro

Dando hum suspiro,
Fazendo hum gyro
C'o a baça vista,
Resuscitou.

Respira a Deosa;
E vem o gosto
Fazer no rosto
O mesmo effeito,
Que fez a dôr.

Que louca idéa
Foi a que tive!
Em quanto vive
Marilia bella,
Não morre Amor.

LYRA XIII.

Oh! quantos riscos,
Marilia bella,
Não atropella
Quem cégo arrasta
Grilhões de Amor!

Hum peito forte,
De acordo falto,
Zomba do assalto
Do vil traidor.

O amante de Hero
Da luz guiado,
C'o peito ousado
Na escura noite
Rompia o mar,
Se o Helesponto
Se encapellava,
Ah! não deixava
De lhe ir fallar.

Do cantor Thracio
A heroicidade
Esta verdade,
Minha Marilia,
Prova tambem.

Cheio de esforço
Vai ao Cocyto
Buscar afflito
Seu doce bem.

Que acção tão grande
Nunca intentada!
Ao pé da entrada
Já tudo assusta
O coração!

Pendentes rochas,
Campos adustos,
Que nem arbustos
Nem hervas dão.

Na funda fralda
De calvo monte,
Corre Acheronte,
Rio de ardente
Mortal licor.

Tem o barqueiro
Testa enrugada,
Vista inflammada,
Que mete horror.

Que seguranças!
Que fechaduras!
As portas duras
Não são de lenhos;
De ferro são.

Por tres gargantas,
Quando alguém bate,
Raivoso late
O negro cão.

Dentro da cova
Soão lamentos;
E que tormentos
Não mostra aos olhos
A escassa luz!

Minos a pena
Manda se intime
Igual ao crime,
Que alli conduz.

Grande penedo
Este carrega;
E apenas chega
Do monte ao cume,
O faz rolar.

A pedra sempre
Ao valle desce,
Sem que elle cesse
De a ir buscar.

Nas limpas aguas
Habita aquelle:
Por cima delle
Verdejão ramos,
Que pomos dão.

Debalde a bocca
Molhar pertende;
De balde estende
Faminta mão.

Tem outro o peito
Despedaçado:
Monstro esfaimado
Já mais descança
De lho roêr.

A rôxa carne,
Que o abutre come,
Não se consome,
Torna a crescer.

Mas bem que tudo
Pavor inspira,
Tocando a lyra
Desce ao Averno
O bom Cantor.

Não se entorpece
A lingua, e braço;
Não treme o passo,
Não perde a côr.

Ah! também quanto
Dirceo obrára,
Se precisára,
Marilia bella,
Do esforço seu!

Rompêra os mares
C'o peito terno,
Fôra ao Inferno,
Subíra ao Ceo.

Aos dois amantes
De Thracia, e Abydo
Não deo Cupido
Do que aos mais todos
Maior valor.

Por seus vassallos
Forças reparte,
Como lhes parte
Os grãos de Amor.

LYRA XIV.

Minha bella Marilia, tudo passa;
A sorte deste mundo he mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos Deoses
Sujeitos ao poder do impio Fado:
Apollo já fugio do Ceo brilhante,
Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
Acaba de roubar o bem, que temos;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte.

Qual fica no sepulchro,
Que seus a vós erguêrão, descançando:
Qual no campo, e lhe arranca os frios casos
Ferro do torto arado.

Ah! em quanto os Destinos impiedosos
Não voltão contra nós a face irada,
Façamos, sim façamos, doce amada,

Os nossos breves dias mais ditosos.

Hum coração que frouxo
A grata posse de seu bem difere,
A si, Marília, a si proprio rouba,
E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores,
E façamos de feno hum brando leito,
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa,
Tambem, Marília, morre.

Com os annos, Marília, o gôsto falta,
E se entorpece o corpo já cançado;
Triste o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.

A mesma formosura
He dote, que só goza a mocidade:
Rugão-se as faces, o cabelo alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar, Marília bella?
Que vão passando os florecentes dias?
As glorias, que vem tarde, já vem frias;
E póde em fim mudar-se a nossa estrella.

Ah! não, minha Marília,
Aproveite-se o tempo, antes que faça

O estrago de roubar ao corpo as forças,
E ao semblante a graça.

LYRA XV.

A minha bella Marilia
Tem de seu hum bom thesouro,
Não he, doce Alceo, formado
Do buscado
Metal louro.

He feito de huns alvos dentes,
He feito de huns olhos bellos,
De humas faces graciosas,
De crespos, finos cabellos;
E de outras graças maiores,
Que a natureza lhe dêo:
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Eu posso romper os montes,
Dar ás correntes desvios,
Pôr cercados espaçosos
Nos caudosos
Turvos rios.
Posso emendar a ventura
Ganhando astuto a riqueza;

Mas, ah! charo Alceo, quem póde
Ganhar huma só belleza
Das bellezas, que Marilia
No seu thesouro metêo?
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Da sorte, que vive o rico
Entre o fausto alegremente,
Vive o guardador de gado
Apoucado,
Mas contente.
Beije pois torpe avarento
As arcas de barras chêas:
Eu não beijo os vís thesouros;
Beijo as douradas cadêas,
Beijo as settas, beijo as armas
Com que o cego Amor vencêo:
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Ama Apollo o fero Marte,
Ama, Alceo, o mesmo Jove:
Não he, não, a vã riqueza,
Sim belleza,
Quem os move.
Posto ao lado de Marilia
Mais que mortal me contemplo:
Deixo os bens, que aos homens cegão,
Sigo dos Deoses o exemplo:
Amo virtudes, e dotes;

Amo em fim, prezado Alceo,
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

LYRA XVI.

Eu, Glauceste, não duvido
Ser a tua Eulina amada
 Pastora formosa,
 Pastora engraçada.
Vejo a sua côr de rosa,
Vejo o seu olhar divino,
Vejo os seus purpúreos beiços,
Vejo o peito crystallino;
Nem ha cousa, que assemelhe
Ao crespo cabelo louro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale hum immenso thesouro!

 Ella vence muito, e muito
Á laranjeira copada,
 Estando de flores,
 E frutos ornada.
He, Glauceste, os teus Amores;
E nem por outra Pastora,
Que menos dotes tivera,
Ou que menos bella fôra,

O meu Glauceste cançára
As divinas cordas de ouro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Val hum immenso thesouro!

Sim, Eulina he huma Deosa;
Mas anîma a formosura
De huma alma de féra,
Ou inda mais dura.
Ah! quando Alceo pondéra
Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o soffrimento,
E qual enfermo delira!
Tenha embora brancas faces,
Meigos olhos, fios de ouro,
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

O fuzil, que imita a cobra,
Tambem aos olhos he bello;
Mas quando alumêa,
Tu tremes de velo.
Que importa se mostre chêa
De mil bellezas a ingrata?
Não se julga formosura
A formosura, que mata.
Evita, Glauceste, evita
O teu estrago, e desdouro;
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

A minha Marília quanto
À natureza não deve!
Tem divino rosto,
E tem mãos de neve.
Se mostro na face o gosto,
Ri-se Marília contente:
Se canto, canta comigo;
E apenas triste me sente,
Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabelo louro.
A minha Marília vale,
Vale hum immenso thesouro.

LYRA XVII.

Minha Marilia,
Tu enfadada?
Que mão ousada
Perturbar póde
A paz sagrada
Do peito teu?

Porém que muito
Que irado esteja
O teu semblante
Tambem troveja
O Claro Ceo.

Eu sei, Marilia,
Que outra Pastora
A toda a hora,
Em toda a parte,
Céga namora
Ao teu Pastor.

Ha sempre fumo
Aonde ha fogo;
Assim, Marilia,
Ha zelos, logo
Que existe amor.

Olha, Marilia,
Na fonte pura
A tua alvura,
A tua bocca,
E a compostura
Das mais feições.

Quem tem teu rosto,
Ah! não receia,
Que terno amante
Solte a cadeia,
Quebre os grilhões.

Não anda Laura
Nestas campinas
Sem as boninas
No seu cabelo,
Sem pelles finas
No seu jubão.

Porém que importa?
O rico aceio
Não dá, Marilia,
Ao rosto feio
A perfeição.

LYRA XVIII.

Não ves aquelle velho respeitavel,
Que á moleta encostado,
Apenas mal se move, e mal se arrasta?
Oh quanto estrago não lhe fez o tempo?
O tempo arrebatado,
Que o mesmo bronze gasta.

Enrugárão-se as faces, e perdêrão
Seus olhos a viveza;
Voltou-se o seu cabelo em branca neve:
Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo;
Nem tem huma belleza
Das bellezas que teve.

Assim tambem serei, minha Marilia
Daqui a poucos annos;
Que o impio tempo para todos corre.
Os dentes cahiráõ, e os meus cabellos.
Ah! sentirei os damnos,
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei huma velhice
Muito menos penoza.
Não trarei a moleta carregada:
Descançarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa,
Na tua mão nevada.

As frias tardes em que negra nuvem
Os chuveiros não lance,
Irei contigo ao prado florescente:
Aqui me buscarás hum sitio ameno,
Onde os membros descance,
E ao brando Sol me aquente.

Apenas me sentar, então movendo
Os olhos por aquella
Vistoza parte, que ficar fronteira;
Apontando direi: *Alli fallámos,*
Alli, ó minha bella,
Te vi a vez primeira.

Verterão os meus olhos duas fontes,
Nascidas de alegria:
Farão teus olhos ternos outro tanto:
Então darei, Marilia, frios beijos,
Na mão formosa, e pia,
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marilia, docemente
Meu corpo supportando
Do tempo deshumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marilia

Quem sentida chorando,
Meus baços olhos cerra.

LYRA XIX.

Em quanto pasta alegre o manso gado,
Minha bella Marilia, nos sentemos
Á sombra deste cedro levantado.

Hum pouco meditemos
Na regular belleza,
Que em tudo quanto vive, nos descobre
A sabia Natureza.

Attende, como aquella vaca preta
O novilhino seu dos mais separa,
E o lambe, em quanto chupa a liza teta.
Attende mais, ó chara,
Como a ruiva cadella
Supporta que lhe morda o filho o corpo;
E salte em cima della.

Repara, como cheia de ternura
Entre as azas ao filho essa ave aqueita:
Como aquella esgravata a terra dura,
E os seus assim sustenta;
Como se encoleriza,

E salta sem receio a todo o vulto,
Que junto delles piza.

Que gosto não terá a esposa amante
Quando der ao filhinho o peito brando,
E reflectir então no seu semblante!

Quando, Marilia, quando
Disser comigo: *he esta*
De teu querido pai a mesma barba,
A mesma bocca, e testa.

Que gosto não terá a mãe, que toca,
Quando o tem nos seus braços, c'o dedinho
Nas faces graciosas, e na bocca
Do innocente filhinho!
Quando, Marilia bella,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecê-la!

Que prazer não terão os pais ao verem
Com as mãis hum dos filhos abraçados;
Jogar outros a luta, outros correrem
Nos cordeiros montados!
Que estado de ventura!
Que até naquillo, que de pezo serve,
Inspira Amor doçura.

LYRA XX.

Em huma frondosa
Roseira se abria
Hum negro botão.
Marilia adorada
O pê lhe torcia
Com a branca mão.

Nas folhas viçosas
Á abelha inraivada
O corpo escondêo.
Tocou-lhe Marilia,
Na mão descuidada
A fera mordêo.

A penas lhe morde,
Marilia gritando,
C'o dedo fugio.
Amor, que nos bosques
Estava brincando,
Aos ais acudio.

Mal vio a rotura,
E o sangue espargido,
Que a Deoza mostrou;
Rizonho beijando
O dedo offendido,
Assim lhe fallou.

*Se tu for tão pouco
O pranto desatas,
Ah! dá-me atenção;
E como daquela,
Que feres, e matas,
Não tens compaixão?*

LYRA XXI.

Não sei, Marília, que tenho,
Depois que vi o teu rosto;
Pois quanto não he Marília,
Já não posso ver com gosto.

Noutra idade me alegrava,
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro:
Hoje, ó bella, me aborrece
Inda o trato lizongeiro
Do mais discreto pastor.
Que effeitos são os que sinto!
Serão effeitos de amor?

Sáio da minha cabana
Sem reparar no que faço;
Busco o sitio aonde moras,
Suspendo defronte o passo.

Fito os olhos na janella,
Aonde, Marília bella,
Tu chegas ao fim do dia;
Se alguém passa, e te saúda,

Bem que seja cortezia,
Se accende na face a côr.
Que effeitos são os que sinto!
Serão effeitos de Amor?

Se estou, Marilia, contigo,
Não tenho hum leve cuidado;
Nem me lembra, se são horas
De levar á fonte o gado.

Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante,
Finge hum dia o meu desgosto:
Já mais, Pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior.
Que effeitos são os que sinto!
Serão effeitos de Amor?

Aonde já com o juizo;
Marilia, tão perturbado,
Que no mesmo aberto sulco
Metto de novo o arado.

Aqui no centêo pégo,
Noutra parte em vão o cégo:
Se alguém comigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
Noutra coiza tão diversa,
Que nexo tão tem menor.
Que effeitos são os que sinto!
Serão effeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro
Só Marília me desvella:
Enche-se o peito de magoa,
E não sei a causa della.

Mal durmo, Marília, sonho,
Que féro leão medonho
Te devora nos meus braços:
Gella-se o sangue nas veias.
E sólto do somno os laços
Á força da immensa dor.
Ah! que os effeitos que sinto
Só são effeitos de Amor.

LYRA XXII.

Muito embora, Marília, muito embora
Outra beleza, que não seja a tua,
Com a vermelha roda, a seis puxada,
Faça tremer a rua.

As paredes da sala aonde habita
Adorne a seda, e o tremó dourado;
Pendão largas cortinas, penda o lustre
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás Palacios grandes,
Nem andarás nos coches voadores;
Porém terás hum Vate, que te preze,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;
E da palida morte a mão tyranna
Arraza os edificios dos Augustos,
E arraza a vil choupana.

Que bellezas, Marília, florescerão
De quem nem se quer temos a memoria?

Só podem conservar hum nome eterno
Os versos, ou a historia.

Se não houvesse Tasso, nem Petrarcha,
Por mais que qualquer dellas fosse linda,
Já não sabia o mundo, se existirão
Nem Laura, nem Clorinda.

He melhor, minha bella, ser lembrada
Por quantos hão de vir sabios humanos,
Que ter urcos, ter coches, e thesouros,
Que morrem com os annos.

LYRA XXIII.

N'um sitio ameno
Cheio de rosas,
De brancos lyrios,
Murtas viçosas;

Dos seus amores
Na companhia
Dirceo passava
Alegre o dia.

Em tom de graça,
Ao terno amante
Manda Marilia
Que toque, e cante.

Péga na lyra,
Sem que a tempere,
A voz levanta,
E as cordas fere.

C'os doces pontos
A mão atina,

E a voz iguala
A voz divina.

Ella, que teve
De rir-se a idéa,
Nem move os olhos
De assombro chêa.

Então Cupido
Apparecendo,
Á bella falla
Assim dizendo:

*Do teu amado
A lyra fias,
Só porque delle
Zombando rias?*

*Quando n'um peito
Assento faço,
Do peito subo
Á lingoa, e braço.*

*Nem creias que outro
Estylo tome,
Sendo eu o mestre,
A acção teu nome.*

LYRA XXIV.

Encheo, minha Marília, o grande Jove
De imensos animais de toda a espécie
As terras, mais os ares,
O grande espaço dos salobros rios,
Dos negros, fundos mares.
Para sua defesa,
A todos dêo as armas, que convinha;
À sabia Natureza.

Dêo as asas aos passaros ligeiros;
Dêo ao peixe escamoso as barbatanas:
Dêo veneno à serpente,
Ao membrudo Elefante a enorme tromba,
E ao Javali o dente.
Coube ao leão a garra:
Com leve pé saltando o servo foge;
E o bravo touro marra.

Ao homem dêo as armas do discurso
Que valem muito mais que as outras armas:
Dêo-lhe dedos ligeiros,

Que podem converter em seu serviço
Os ferros, e os madeiros;
Que tecem fortes laços,
E forjão raios com que aos brutos cortão
Os vôos, mais os passos.

Às timidas donzellas pertencerão
Outras armas, que tem dobrada força:
Dêo-lhes a Natureza
Além do entendimento, além dos braços
As armas da belleza.
Só ella ao Ceo se atreve,
Só ella mudar póde o gello em fogo,
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura
Quem arrancou da mão de Coriolano
A cortadora espada.
Vejo que foi de Helena o lindo rosto
Quem pôz em campo armada
Toda a força de Grecia.
E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,
Só foi, só foi Lucrecia.

Se podem lindos rostos, mal suspirão,
O braço desarmar do mesmo Achilles;
Se estes rostos irados
Podem soprar o fogo da discordia
Em póvos alliados;
Hes arbitra da terra;

Tu podes dar, Marilia, a todo o mundo
A paz, e a dura guerra.

LYRA XXV.

O cego Cupido hum dia
Com os seus Genios fallava,
Do modo que lhe restava
De captivar a Dirceo.

Depois de larga disputa,
Hum dos Genios mais sagazes
Este conselho lhe dêo:

As settas mais aguçadas,
Como se em roxa batessem,
Dão nos seus peitos, e descem
Todas quebradas ao chão.

Só as graças de Marilia
Podem vencer hum tão duro,
Tão izento coração.

A fortuna desta empreza
Consiste em armar-se o laço,
Sem que sinta ser o braço,
Que lho prepara, de Amor.

Que elle vive como as aves,

Que já deixarão as pennas
No visco do Caçador.

Na força deste conselho
O raivoso Deos socega,
E á tropa a honra entrega
De o fazer executar.
Todos pertendem ganhá-la,
Batem as azas ligeiros,
E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultarão
Da Deosa nos olhos bellos;
Qual se enlaçou nos cabellos;
Qual ás faces se prendêo.

Hum amorinho cansado
Cahio dos labios ao seio,
E nos peitos se escondêo.

Outro Genio mais astuto
Este novo ardil alcança,
Muda-se n'uma criança
De divino parecer.

Esconde as azas, e a venda;
Esconde as settas, e quanto
Póde dá-lo a conhecer.

Ella que vê hum menino
Todo de graças cuberto,
Tão risonho, e tão esperto
Alli sózinho brincar.

A elle endireita os passos;

Finge Amor ter medo, e a Deosa
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando;
Elle fugia, e chorava:
Assim forão onde estava
O descuidado Pastor.

Este, mal vio a belleza,
E o gentil menino, entende
A malicia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos,
Cerra os olhos, e constante
Não quer ver o seu semblante,
Não o quer ouvir fallar.

Qual Ulysses n'outra idade
Para illudir as Serêas
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empreza via,
Julga o intento frustrado,
E de raiva transportado
O corpo no chão lançou.

Traçou a lingua nos dentes;
Mettêo as unas no rosto,
E os cabellos arrancou.

O Genio, que se escondia
Entre os peitos da Pastora,
Erguêo a cabeça fóra,
E o successo conhecêo.
Deixa o socego em que estava,

E vai ligeiro metter-se
No peito do bom Dirceo.

Apenas c'o brando peito
Lhe tocou a neve fria,
Com o calor que trazia
Lhe abraçou o coração.

Dá o Pastor hum suspiro,
Abre os seus olhos, e sólta
Do apertado ouvido a mão.

Logo que virão os Genios
Ao triste Pastor disposto
Para ver o lindo rosto,
Para as palavras ouvir.

Cada hum as armas toma,
Cada hum com ellas busca
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa
Lhe fóрма hum Cupido laços,
Que lhe segurão os braços,
Como se fossem grilhões.

O Pastor já não resiste;
Antes beija satisfeito
As suas doces prizões.

LYRA XXVI.

O destro Cupido hum dia
Extrahio mimosas cores
De frescos lyros, e rosas,
De jasmins, e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas
Usa de huma, e de outra tinta,
E nos angulos do cobre
A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos
No seu lizo centro escreve
Hum letreiro, que pergunta:
Este espaço a quem se deve?

Venus, que vio a pintura,
E lêo a letra engenhosa,
Pôz por baixo: *Eu delle cedo;*
Dê-se a Marilia formosa.

LYRA XXVII.

Alexandre, Marília, qual o rio
Que engrossando no Inverno tudo arraza;
Na frente das cohortes
Cérca, vence, abraza
As Cidades mais fortes.
Foi na glória das armas o primeiro,
Morrêo na flor dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom Soldado, cujo nome
Não ha poder algum, que não abata,
Foi, Marília, sómente
Hum ditozo pirata,
Hum salteador valente.
Se não tem huma fama baixa, e escura;
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vôa,
Á sua mesma Patria a fé quebranta;
Na mão a espada toma,

Opprime-lhe a garganta,
Dá Senhores a Roma.
Consegue ser heróe por hum delicto;
Se acaso não vencesse então seria
Hum vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste
Em queimar os Imperios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despova a terra
Tambem o máo tyranno.
Consiste o ser heróe em viver justo:
E tanto póde ser heróe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu he que sou heróe, Marilia bella,
Seguindo da virtude a honroza estrada.
Ganhei, ganhei hum throno.
Ah! não manchei a espada,
Não a roubei ao dono.
Ergui-o no teu peito, e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Huns tão ditosos laços.

Aos barbaros, injustos vencedores
Atormentão remorsos, e cuidados;
Nem descanção seguros
Nos Palacios cercados
De tropa, e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sabia historia

A quem mudou o fado em negro opprobrio
A mal ganhada gloria?

Eu vivo, minha bella, sim, eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto:
Quando estou acordado,
Contemplo no teu rosto
De graças adornado;
Se durmo logo sonho, e alli te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo sóbe
A mais o meu desejo.

LYRA XXVIII.

Cupido tirando
Dos hombros a aljava,
N'um campo de flores
Contente brincava.

E o corpo tenrinho
Depois enfadado,
Incauto reclina
Na relva do prado.

Marilia formosa,
Que ao Deos conhecia,
Occulta espreitava
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme
Se chega contente,
As armas lhe furta,
E o Deos a não sente.

Os Faunos, mal virão
As armas roubadas,

Sahirão das grutas
Soltando rizadas.

Acorda Cupido,
E a causa sabendo,
A quantos o insultão
Responde, dizendo:

*Temieis as settas
Nas minhas mãos cruas?
Vereis o que podem
Agora nas suas.*

LYRA XXIX.

O tyranno Amor risonho
Me apparece, e me convida
Para que seu jugo acceite;
E quer que eu passe em deleite
O resto da triste vida.

*O sonoro Anacreonte (Astuto o moço dizia) Já perto da morte
estava, Inda de amores cantava; Por isso alegre vivia.*

*Aos negros, duros pezares
Não resiste hum peito fraco,
Se Amor o não fortalece:
O mesmo Jove carece
De Cupido, e mais de Baccho.*

Eu lhe respondo: *Perjuro
Nada creio ao que dizes;
Porque já te fui sujeito,
Inda conservo no peito
Estas frescas cicatrizes.*

Amor, vendo que da offerta
Algum apreço não faço,
Me diz affeito que trate
De ir com elle a combate
Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas;
Cinjo primeiro que tudo
O brilhante arnêz, e á pressa
Ponho hum elmo na cabeça,
Tomo a lança, e o grosso escudo.

Mal no Campo me apresento,
Marilia (oh Ceos!) me apparece:
Logo os olhos me fita,
O meu coração palpita,
A minha mão desfallece.

Então me diz o tyranno:
Confessa louco o teu erro;
Contra as armas da belleza
Não vale a externa defeza.
Dessa armadura de ferro.

LYRA XXX.

Junto a huma clara fonte
A mãe de Amor se sentou:
Encostou na mão o rosto,
No leve somno pegou.

Cupido, que a vio de longe,
Contente ao lugar corrêo;
Cuidando que era Marília
Na face hum beijo lhe dêo.

Acorda Venus irada:
Amor a conhece; e então
Da ousadia, que teve,
Assim lhe pede o perdão:

*Foi facil, ó Mãe formosa,
Foi facil o engano meu;
Que o semblante de Marília
He todo o semblante teu.*

LYRA XXXI.

Minha Marilia,
Se tens belleza,
Da natureza
He hum favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
He só por graça
Do Deos de amor,
Que terno inflamma
A mente, o peito
Do teu Pastor.

Em vão se virão
Perlas mimosas,
Jasmins, e rosas
No rosto teu.
Em vão terias
Essas estrellas,
E as tranças bellas
Que o Ceo te dêo;
Se em doce verso

Não as cantasse
O bom Dirceo.

O voraz tempo
Ligeiro corre:
Com elle morre
A perfeição.
Essa, que o Egypto
Sábica modera,
De Marco impera
No coração;
Mas já Octavio
Não sente a força
Do seu grilhão.

Ah! vem, ó bella,
E o teu querido
Ao Deos Cupido
Louvores dar;
Pois faz que todos
Com igual sorte
Do tempo, e morte
Possão zombar:
Tu por formosa,
E elle, Marilia,
Por te cantar.

Mas ai! Marilia,
Que de hum amante,
Por mais que cante,
Gloria não vem!

Amor se pinta
Menino, e cego:
No doce emprêgo
Do charo bem
Não vê defeitos,
E augmenta, quantas
Bellezas tem.

Nenhum dos Vates,
Em teu conceito,
Nutrio no peito
Nescia paixão?
Todas aquellas,
Que vês cantadas,
Forão dotadas
De perfeição?
Forão queridas;
Porém formosas
Talvez que não.

Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teu Dirceo?
Tu tens, Marilia,
Cantor celeste;
O meu Glauceste
A voz ergueo;
Irá teu nome
Aos fins da Terra,
E ao mesmo Ceo.

Quando nas azas
Do leve vento
Ao Firmamento
Teu nome for:
Mostrando Jove
Graça extremosa,
Mudando a Esposa
De inveja a côm;
De todos ha-de,
Voltando o rosto,
Sorrir-se Amor.

Ah! não se manche
Teu brando peito
Do vil defeito
Da ingratidão:
Os versos beija,
Gentil Pastora,
A penna adora,
Respeita a mão,
A mão discreta,
Que te segura
A duração.

LYRA XXXII.

N'uma noite socegado
Velhos papeis revolvía,
E por ver de que tratavão
Hum por hum a todos lia.

Erão copias emendadas
De quantos versos melhores
Eu compuz na tenra idade
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas,
Leio excessos mal acceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo sem razões tamanhas
Eu exclamo transportado:
Que finezas tão mal feitas!
Que tempo tão mal passado!

Junto pois n'hum grande monte
Os soltos papeis, e logo,

Porque reliquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o Deos cego
Com semblante carregado
Assim me falla, e crimina
O meu intento acertado.

*Queres queimar esses versos?
Dize, Pastor attrevido,
Essas Lyras não te forão
Inspiradas por Cupido?*

*Achas que de taes amores
Não deve existir memoria?
Sepultando esses triunfos,
Não roubas a minha gloria?*

Disse Amor; e mal se calla,
Nos seus hombros a mão pondo,
Com hum semblante sereno
Assim á queixa respondo:

*Depois, Amor, de me dares
A minha Marilia bella,
Devo guardar humas Lyras,
Que não são em honra della?*

*E que importa, Amor, que importa
Que a estes papeis destrua;
Se he tua esta mão; que os rasga,
Se a chamma, que os queima, he tua?*

Apenas Amor me escuta
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chamma c'o vento,
Que formou batendo as azas.

LYRA XXXIII.

Péga na lyra sonora,
Péga meu charo Glauceste;
E ferindo as cordas de ouro,
Mostra aos rusticos Pastores
A formosura celeste
De Marilia, meus amores.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Que concurso, meu Glauceste,
Que concurso tão ditoso!
Tu és digno de cantares
O seu semblante divino;
E o teu canto sonoro
Tambem do seu rosto he dino.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Para pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta Natureza
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lyro, e fez a neve.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

A pintar as negras tranças
Peço que mais te desvelles:
Pinta chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando;
Huns tecendo cordas delles,
Outros com elles brincando.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Para pintares, Glauceste,
Os seus beijos graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada;
E para os olhos formosos,
A estrella da madrugada.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!

E em nada a cópia
Se affaste della.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a cópia por feita;
Passa a outros dotes, passa,
Pinta da vista, e do riso
A modestia, mais a graça.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Pinta o garbo de seu rosto
Com expressões delicadas;
Os seus pés, quando passeão,
Pizando ternos amores;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Pinta mais, prezado amigo,
Hum terno amante beijando
Suas douradas cadeias;
E em doce pranto desfeito,
Ao monte, e valle ensinando
O nome, que tem no peito.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Nem suspendas o teu canto,
Inda que, Pastor, se veja
Que a minha bocca suspira,
Que se banha em pranto o rosto;
Que os outros chorão de inveja,
E chora Dirceo de gosto.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

FIM DA 1.ª PARTE.

MARILIA DE DIRCEO.

POR T.A.G.

SEGUNDA PARTE.

LISBOA: 1824.

Na Typ. de J.F.M. de Campos.

MARILIA DE DIRCEO

LYRA I.

Já não cínjo de loiro a minha testa,
Nem sonoras Canções o Deos me inspira:
Ah! que nem me resta
Huma já quebrada,
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado em que me vejo,
Pede, Marília, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta supra
A paixão, e a arte.

A fumaça, Marília, da candêa,
Que a molhada parede ou çuja, ou pinta;
Bem que tosca, e fêa,
Agora me póde
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta:
Elle me diz, que faça no pé de huma
Má laranja ponta,

E delle me sirva
Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não, não devo
Verás, Marília, huma idéa nova:
Sim, eu já te escrevo,
Do que esta alma dita
Quanto amor approva.

Quem vive no regaço da ventura,
Nada obra em te adorar, que assombro faça:
Mostra mais ternura
Quem te estima, e morre
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos bellos,
A testa formosa,
Os dentes nevados,
Os negros cabellos.

Vejo, Marília, sim, e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentos
Dessa bôcca linda,
Nos ares espalhão
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo,
Responderei—no peito—que huns Amores
De casto desejo
Aqui te pintarão,
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão, ah! nessa hora
Teu Retrato fizerão, e tão forte,
Que entendo, que agora
Só póde apagallo
O pulso da Morte.

Isto escrevia, quando, ó Céos, que pejo!
Descubro a lêr-me os versos o Deos loiro.
Ah! dá-lhes hum beijo,
E diz-me que valem
Mais que letras de oiro.

LYRA II.

Esprema a vil calumnia muito embora
Entre as mãos denegridas, e insolentes
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios, no meu rosto
Não has-de ver, Marília, o modo escrito;
O medo perturbado,
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito conheço, pódem muito,
As Furias infernaes, que Pluto move;
Mas póde mais que todas
Hum dedo só de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa;
A quem seu nome derão, a Narciso,
Fêz d' muitos os Astros,
Qu' inda no Ceo diviso.

Elle póde livrar-me das injurias
Do nescio, do atrevido ingrato povo;

Em nova flor mudar me,
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Céos por fins occultos
Em tão tyranno mal me não soccorrem,
Verás então, que os sabios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.
Tu, formosa Marilia, bem o sabes:
Hum coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

LYRA III.

Succede, Marilia bella,
Á medonha noite o dia:
A estação chuvosa e fria,
Á quente secca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a rainha sorte não?

Os troncos, nas Primaveras,
Brotão em flores viçosos;
Nos Invernos escabrosos
Largão as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortão
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção.
Muda-se a sorte dos homens;
Só a minha sorte não?

Aos altos Deoses movêrão
Soberbos Gigantes guerra;
No mais tempo o Ceo, e a Terra
Lhes tributa adoração.
Muda-se a sorte dos Deoses;
Só a minha sorte não?

Hade, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia:
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta
Os troncos, pedras, e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
Á verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou verá o mundo,
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha.
Que feliz consolação!

Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não.

LYRA IV.

Já, já me vai, Marília, branquejando
Loiro cabelo, que circúla a testa.
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;
As forças dos meus membros já se gastão,
Vou a dar pela casa huns curtos passos,
Pesão-me os pés, e arrastão.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos:
Os trabalhos, Marília, os sentimentos,
Fazem os meus danos.

Mal te vir me dará em poucos dias,
A minha mocidade o doce gosto;

Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso Verão as plantas seccão,
Na Primavera, que aos mortaes encanta,
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença fez seu termo,
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
O definhado enfermo.

Suppo[~e]-me qual doente, ou qual a planta,
No meio da desgraça, que me altera:
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos Astros luz, e vida ás flores;
Que effeitos não farão, em quem por elles
Sempre morrêo de amores?

LYRA V.

Os mares, minha bella, não se movem;
O brando Norte assopra, nem diviso
Huma nuvem sequer na Esfera toda,
O destro Nauta aqui não he preciso;
Eu só conduzo a náó, eu só modéro
Do seu governo a roda.

Mas ah! que o Sul carrega, o mar se empolla,
Rasga-se a véla, o mastaréó se parte!
Qualquer varão prudente aqui já teme
Não tenho a necessaria força, e arte.
Corra o sabio Piloto, corra, e venha
Reger o duro leme.

Como succede á náó no mar, succede
Aos homens na ventura, e na desgraça:
Basta ao feliz não ter total demencia,
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cubrio, os raios chovem;
E esta alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe aonde possa achar conforto.
Ah, não, não tardes, vem, Marilia amada,
Toma o leme da náó, marêa o panno,
Vai-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as sabias vozes:
Elle me diz que soffra se não morro;
E perco então se morro huns doces laços.
Não quero já, Marilia, mais soccorro,
Oh ditoso soffrer, que lucrar póde
A gloria dos teus braços.

LYRA VI.

De que te queixas,
Lingua importuna?
De que a Fortuna
Roubar-te queira,
O que te deu?
 Este foi sempre
 O genio seu.

 Levou, Marilia,
A impia sorte
Catoens á morte;
Nem sepultura
Lhes concedeu.
 Este foi sempre
 O genio seu.

 A outros muitos,
Que vís nascêrão,
Nem merecêrão,
A grandes thronos
A impia ergueu.

Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a cega
Sobre os humanos
Os bens, e os damnos;
E a quem se devão
Nunca escolheu.

Este foi sempre
O genio seu.

A quanto he justo,
Já mais se dobra;
Nem igual obra
C'os mesmos Deoses
Do cáro Ceo.

Este foi sempre
O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venus
N'hum carro ufano;
E cahe Vulcano
Da pura esfera,
Em que nasceu.

Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra, e virtude:
Que o mais he della,
Mas isto he meu.

Este foi sempre
O genio seu.

LYRA VII.

Meu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que bem que réo abrigo
A candida virtude no meu peito.
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão soccorro;
Ah! vem dar-m'o agora,
Agora sim que morro.

Não quero, que montado
No Pegaso feroso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspasar raivoso.
Deixa que viva a perfida calúnia,
E forge o meu tormento:
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

Toma a lyra doirada,
E toca hum pouco nella:
Levanta a voz celeste

Em parte que te escute a minha bella;
Enche todo o contorno de alegria;
 Não soffras, que o desgosto
 Affogue em pranto amargo
 O seu divino rosto.

 Eu sei, eu sei, Glauceste,
 Que hum bom Cantor havia,
 Que os brutos amansava;
Que os troncos, e os penedos attrahia.
De outro destro Cantor tambem affirma;
 A sábia Antiguidade,
 Que as muralhas erguêra
 De huma grande Cidade.

 Orfeo as cordas fere;
 O som delgado, e terno
 Ao Rei Plutão abranda,
E o deixa que penetre o fundo Averno.
Ah, tu a nenhum cedés, nem Glauceste;
 Na lyra, e mais no canto:
 Podes fazer prodigios;
 Obrar ou mais, ou tanto.

 Levanta pois as vozes:
 Que mais, que mais esperas?
 Consola hum peito afflito;
Que he menos inda, que domar as fêras.
Com isto me darás no meu tormento
 Hum doce lenitivo,

Que em quanto a bella vive,
Tambem, Glauceste, vivo.

LYRA VIII.

Eu vejo, ó minha bella, aquelle Numen,
A quem o nome derão de Fortuna,
 Pega-me pelo braço,
 E com voz importuna
 Me diz que mova o passo;
Que entre no grande Templo, em [~q] se encerra,
 Quanto o destino manda,
 Que ella obre sobre a terra.

 Que coizas portentosas nelle encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma,
 Vejo-a queimar Carthago;
 Vejo que as gentes doma;
 E vejo o seu estrago.
Lá floresce o poder do Assyrio Povo:
 Aqui os Medos crescem
 E os perde hum braço novo.

 Então me diz a Deosa: *E que pertendes?*
Todas estas Medalhas vêr agora?
 Ah! não, não sejas louco!

Espaço de annos fôra
Para isto ainda pouco.
Deixo estranhos successos; vem comigo,
Verás quanto inda deve
Acontecer contigo.

Levou-me aonde estava a minha historia,
Que toda me explicou com medo, e arte.
Tirei-te libras de oiro
Me diz, e quero dar-te
Todo aquelle thesoiro.
Não suspira por bens hum peito nobre:
Sevéro lhe respondo.
Vivo affeito a ser pobre.

Aqui me enruga a Deosa irada a testa;
E fica sem fallar hum breve espaço.
Alegra, alegre o rosto,
Prosegue, alli te faço
Restituir o posto.
Respondo com ar de mofa, e tom sereno.
Conheço-te, Fortuna,
Posso morrer pequeno.

Aqui te dou, me diz, a tua amada.
Então me banho todo de alegria
Cuidei, me torna a cega,
Que essa alma não queria
Nem esta mesma entrega.
He esse o bem, respondo, que me move;

*Mas este bem he santo,
Vem só da mão de Jove.*

Queria mais fallar; eu insoffrido
Desta maneira rompo os seus accentos:

*Basta, Fortuna, basta;
Estes breves momentos
Lá noutras coizas gasta;*

Da minha sorte nada mais contemplo.

E chamando Marília
Suspiro, e deixo o Templo.

LYRA IX.

A estas horas
Eu procurava
Os meus Amores;
Tinhão-me inveja
Os mais Pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flor, nem fitta
Nos seus cabellos:

Ah! que assim mesmo
Sem compostura,
He mais formosa,
Que a estrella d'alva;
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,
Hum ar mais leve,
(Que doce effeito!)

Já respirava
Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio, e fonte,
No prado, e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

No cóllo a punha,
Então brincando
A mim a unia;
Mil coizas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo
Que eu só com ella
He que fallava;
Ria-se a furto,
E disfarçava.

Desta maneira
Nos castos peitos,
De dia, em dia
A nossa chamma
Mais se accendia.

Ah! quantas vezes
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rócas,
Em que fiava?

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente sésta,
Della defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava:
Então vaidoso
Assim cantava:

Não ha Pastora,
Que chegar possa
Á minha bella;
Nem quem me iguale
Tambem na estrella:

Se Amor concede
Que eu me recline

No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito:

Ornã seu peito
As sãs virtudes,
Que nos namorão;
No seu semblante
As Graças morão.

Assim vivia:
Hoje em suspiros
O canto mudo:
Assim, Marília,
Se acaba tudo.

LYRA X.

Arde o velho barril, arde a cabeça,
Em honra de João na larga rua;
O credulo Mortal agora indaga,
Qual seja a sorte sua?

Eu não tenho alcaxofra, que á luz chegue,
E nella orvalhe o Ceo de madrugada,
Para ver se rebentão novas folhas,
Aonde foi queimada.

Tambem não tenho hum ovo, que despeje
Dentro de hum cópo d'agua, e possa nella
Fingir Palacios grandes, altas Torres,
E huma Náo á véla.

Mas, ah! em bem me lembre: eu tenho ouvido
Que na boca hum bochecho d'agoa tome,
E atrás de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir hum nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, he esse
O nome, que ha de ter a minha amada:

Pode verdade ser, se fôr mentira,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena:
Despejo logo a boca: ah! não sei como
Não morro alli de pena!

Apparece Cupido: então soltando
Em ar de zombaria huma risada.
E que tal, me pergunta, esteve a peça?
Não foi bem pregada?

Eu já te disse, que Marilia he tua:
Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vais acreditar, o que te ensina
Velha mulher já tonta.

Humilde lhe respondo: quem debaixo
Do açoite da Fortuna afflito geme,
Nas mesmas coisas, que só são brinquedos,
Se agoirão males, teme.

LYRA XI.

Se acaso não estou no fundo Averno
Padece, ó minha bella, sim padece
 O peito amante, e terno,
As afflições tyrannas, que os Preceitos
Arbêtra Rhadamantho em justa pena
 Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes
Com a mão descarnada não me applicão
 As raivosas serpentes.
Mas cercão-me outros monstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
 De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha;
 Ou em mover a roda.
Mas tenho ainda mais cruel tormento:
Por coisas que me affligem, roda, e gyra
 Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
Às tepidas entranhas não me come
Hum abutre esfaimado.

Mas sinto de outro monstro a crueldade:
Devora o coração, que mal palpita,
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,
Que de mim se retirão, quando busco
Fartar o meu desejo;
Mas quer, Marília, o meu destino ingrato,
Que lograr-te não possa, estando vendo
Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marília bella;
E n'huma coisa só he mais humana
A minha dura estrella:
Huns não podem mover do Inferno os passos;
Eu pertendo vôar, e vôar cedo
À gloria dos teus braços.

LYRA XII.

Ah, Marilia, que tormento
Não tens de sentir saudosa!
Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma Aldêa,
Que tyrannos não proponhão
Á inda inquieta idéa
Huma imagem de afflicção.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando lewares, Marilia,
Teu ledô rebanho ao prado
Tu dirás: aqui trazia
Dirceo também o seu gado.
Verás os sitios ditosos
Onde, Marilia, te dava,
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires
Sem quereres, descuidada,
Tu verás, Marilia, a minha
E minha pobre morada.
Tu dirás então contigo:
Alli Dirceo esperava
Para me levar comsigo:
E alli soffreo a prisão.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente
Do caro Glauceste a choça,
Onde alegre se juntavão
Os pouco da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás, de mágoa chêa:
Todo o congresso alli anda,
Só o meu Amado não.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado,
Tu dirás: não foi tyranna
Sómente comigo a sorte;
Tambem cortou deshumana
A mais fiel união.

Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido
Eu não vejo imagens destas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem separadas
Dos inchados rôxos olhos,
Estão, que he mais, retratadas
No fundo do coração.

Tambem mando aos surdos Deoses
Tristes suspiros em vão.

LYRA XIII.

Ves, Marilia, hum cordeiro
De flores enramado,
Como alegre caminha
A ser sacrificado?

O Povo para o Templo já concorre:
A Pyra sacro-santa já se accende:
O Ministro o fere, elle bala, e morre.

Vês agora o novilho,
A quem segura o laço:
No chão as mãos espedaça:
Nem quer mover hum passo:
Não conhece que sahe de hum máo terreno;
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto, como
Lhe dispomos a sorte:
Hum vai forçado á vida,
Vai outro alegre á morte,
Nós temos, minha bella, igual demencia:

Não sabemos os fins, com que nos move
A sábia, occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho
Os mãos matar quizerão:
De conselho mudarão,
Como escravo o vendêrão:
José não corre a ser hum servo afflito:
Vai subindo os degrãos, por onde chega
A ser hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino
Hoje, ó bella, me prende,
Só porque nisto de outros
Mais damnos me defende?
Póde inda raiar hum claro dia.
Mas quer raie, quer não, ao Ceo adoro;
E beijo a santa mão, que assim me guia.

LYRA XIV.

Alma digna de mil Avós Augustos!
Tu sentes, tu soluças
Ao ver cahir os justos;
Honras as santas leis da Humanidade:
E aos teus exemplos deve
Gravar com letras de oiro no seu Templo
A candida Amizade.

Não he, não he de Heróe huma alma forte,
Que vê com rosto enchuto
No seu igual a morte.
Não he tambem de Heróe hum peito duro,
Que a sua gloria firma,
Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo, e chora!
He grande para mim, quem move os passos,
E de Dario aos filhos,

Que como escravos seus tratar podéra,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, Capitão piedoso,
Entre os Heróis do Mundo
Hum nome glorioso,
Não he, porque levanta huma cidade;
He sim, porque nos hombros
Salvou do incendio ao Pai a quem detinha
A mão da branca idade.

Ah! se ao meu contrario entre as chãmas vira;
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o remira:
Inda por elle muito mais obrára:
E se nada servisse,
Fizera então, Amigo, o que fizeste,
Gemêra, e suspirára.

Oh! quanto são duraveis as cadêas
De huma amizade, quando
Se dão iguaes idéas!
Se a pezar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera,
Foi por ser a minha alma igual á tua,
E a tua igual á minha.

Se, ó caro Amigo, te merece tanto,
Lá lhe fica a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.
De quem eu fallo, és tu, Marilia bella.
Ah! sim, honrado Amigo,

Se enxugar não poderes os seus olhos;
Prantêa então com ella.

LYRA XV.

Eu, Marília, não fui nenhum Vaqueiro;
Fui honrado Pastor da tua Aldêa;
Vestia finas lãns, e tinha sempre
A minha chóça do preciso chêa.
Tirarão-me o casal, e o manso gado,
Nem tenho a que me encoste hum só cajado.

Para ter, que te dar, he que eu queria
De mór rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabellos
Ainda muito mais que hum grande Throno.
Agora que te offerte já não vejo
Além de hum puro amor, de hum são desejo.

Se o rio levantado me causava
Levando a sementeira prejuiso,
Eu alegre ficava apenas via
Na tua breve boca hum ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sésta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoilas na floresta.
Julgou o justo Ceo, que não covinha
Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

Ah, minha bella, se a Fortuna volta,
Se o bem que já perdi alcanço, e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer hum homem novo;
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar no Ceo a Jove, e ati na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de hum bom rebanho.
Para o contagio lhe não dar sobeja
Que as affague Marilia, ou só que as veja.

Se não tivermos lans, e pelles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As pelles dos cordeiros mal cortidas,
E os pannos feitos com as lans mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de Amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente sésta
Com canas, e com cêstos os peixinhos:
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos;

Para nos divertir faremos quanto
Reputa o verão sabio, honesto, e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos se os tivermos á fogueira;
Entre as falsas historias, que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira:
Pasmados te ouviráõ; eu entre tanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua
Nos mostraráõ c'o dedo os mais Pastores,
Dizendo huns para os outros: olha os nossos
Exemplos da desgraça, e são amores.
Contentes viviremos desta sorte,
Até que chegue a hum dos dois a morte.

LYRA XVI.

Vejo, Marilia,
Que o nédeo gado
Anda disperso
No monte, e prado;
Que assim succede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu Pastor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Tambem conheço,
Que os Pegureiros,
Que apascentavão
Os meus cordeiros,
Darão suspiros
E verdadeiros;
Porque perdêrão
Hum pai no amor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Eu mais alcanço;
Que a minha herdade
Estando eu prezo,
Soffrer não ha-de
Nem a charrua,
E nem a grade;
Que a mão lhe falta
Do Lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas quando sobe
Á minha idéa,
Que tu ficaste
Lá nessa Aldêa.
De mil cuidados
E mágoa cheia;
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte!
Peza-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove accuso,
Maldigo a sorte,
Trato a Cupido
Por hum traidor.

Eu já não soffro
A viva dôr.

Mas este excesso
Perdão merece,
E delle Jove
Se compadece;
Que Jove, ó bella,
Mui bem conhece,
Aonde chega
Paixão de amor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

LYRA XVII.

Dirceo te deixa, ó bella,
De padecer cançado:
Frio suor já banha
Seu rosto descórado;
O sangue já não gyra pela vêa,
Seus pulsos já não batem;
E a clara luz dos olhos se bacêa:
A lagrima sentida já lhe corre;
Já pára a convulsão, suspira, e morre.

Seu espirito chega
Onde se pune o erro:
Late o cão, e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Aos severos Juizes se apresenta;
E com sentidas vozes
Toda a sua tragedia representa:
Enche-se de ternura, e novo espanto
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasmado a boca,
E a pedra não despede;
Outro já não se lembra
Da fome, e mais da sede:
Descança o curvo bico, e a garra impia
Negro abutre esfaimado:
Nem a roca medonha a Parca fia,
Até as mesmas Furias inclementes
Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes;
E o Rei Plutão lhe ordena
Deixe o sitio, em que ficão
Almas dignas de pena.
Já sahe do escuro Reino, e da memoria
Lhe passa tudo quanto
Ou póde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria.
Só, bem que o gosto as turvas agoas tome,
Inda, Marilia, inda diz teu nome.

Entra já nos Elysios
Campinas venturosas,
Que mansos rios cortão,
Que cobrem sempre as rosas.
Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as agoas puras,
Que o mel, e de que o leite mais suaves.
Aqui, diz elle, espero a minha bella,
Aqui contente viverei com ella.

Aqui... porém aonde
Me leva a dôr activa?
He illusão desta alma.
Jove inda quer que eu viva.
Eu devo sim gosar teus doces laços;
E em paga dos meus males
Devo morrer, Marilia, nos teus braços.
Então eu passarei ao Reino amigo;
E tu irás despois lá ter comigo.

LYRA XVIII.

Não mókho, Marília,
De pranto a masmorra
Que o terno Cupido
Não vôe, e não corra,
A hilo apanhar.
Estende-o nas azas
Sobre elle suspira,
Por fim se retira,
E vai-to levar.

Se o moço não mente,
Aos tristes gemidos,
Aos ais lastimosos
Não guardes unidos,
Marília, c'os teus:
As lagrimas nossas
No seio amontôa
Fórma azas, e vôa,
Vai pô-las nos Ceos.

A Deosa formosa,
Que amava aos Troianos,
Livra-los querendo
De riscos, e danos
A Jove buscou.
As aguas, que o rosto
Da Deosa banhão,
A Jove abrandarão,
E assim os salvou.

Confia-te, ó bella,
Confia-te em Jove;
Ainda se abrande,
Ainda se move
Com ancias de amor.
O pranto de Venus,
Que obrou no Pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.

LYRA XIX.

Nesta triste masmorra,
De hum semivivo corpo sepultura,
Inda, Marilia, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéa te retrata,
Busca extremoso, que eu assim resista
Á dôr immensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto, e escuto
A tua voz, e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos:
Eu beijo a tibia luz em vez de face;
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha;
A violencia da mágoa não supporto;
Foge-me a vista, e caio
Não sei se vivo, ou morto.
Enternece-se Amor de estrago tanto;

Reclina-me no peito, e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Despois que represento
Por largo espaço a imagem de hum defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto.
Conheço então que Amor me tem comsigo;
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo.

Se queres ser piedoso,
Procura o sitio em que Marilia móra,
Pinta-lhe o meu estrago,
E vê, Amor, se chora.
Se as lagrimas verter a dôr a arrasta,
Huma dellas me traze sobre as pennas,
E para allivio meu só isto basta.

LYRA XX.

E me visses com teus olhos
Nesta masmorra mettido;
De mil idéas funestas,
E cuidados combatido:
Qual seria, ó minha bella,
Qual seria o teu pezar?

Á força da dôr cedêra;
E nem estaria vivo,
Se o menino Deos vendado,
Extremoso, e compassivo,
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
O meio dia tem dado,
E o cabelo inda flutua
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor, não tenho;
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: E Marilia;
Não estima esse cabelo?
Se o deixas perder de todo
Não se ha de enfadar ao vêllo?
Suspiro pego no pente,
Vou logo o cabelo atar.

Vem hum taboleiro entrando
De varios manjares cheio,
Põe-se na meza a toalha,
E eu pensativo passeio:
De todo o comer esfria,
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que matar-te,
Diz Amor, te tens proposto;
Fazes bem: terá Marilia
Desgosto sobre desgosto.
Qual enfermo c'o remedio
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegão as horas Marilia,
Em que o Sol já se tem posto,
Vem-me á memoria que nellas
Via á janella o teu rosto:
Reclino na mão a face
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: Já basta,
Já basta, Dirceo, de pranto;
Em obsequio de Marilia
Vai erguer teu doce canto.

Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me
A velha çuja candêa;
Fica, Marilia, a masmorra
Inda mais triste, e mais fêa.
Nem mais canto, nem mais posso
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido: São horas
De escrever-se o que está feito;
Do azeite, e da fumaça
Huma nova tinta ageito,
Tomo o páo, que penna finge,
Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve sono
Canta o Gallo a vez terceira;
Eu digo ao Amor; que fico
Sem deitar-me a noite inteira:
Faço mimos, e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz que em dormir cuide,
Que hei-de ver Marilia em sonho;
Não respondo huma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candêa,
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados
Risistir, ó minha Bella,
Quem não tem de Amor a graça?
Se eu que vivo á sombra della
Inda vivo desta sorte,
Sempre triste a suspirar?

LYRA XXI.

Que diversas que são, Marília, as horas
Que passo na masmorra immunda, e fêa,
Dessas horas felizes, já passadas
Na tua patria Aldêa.

Então eu me ajuntava com Glauceste;
E á sombra de alto Cédro na Campina
Eu versos te compunha, e elle os compunha
Á sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;
De exceder hum ao outro qualquer trata
O ecco agora diz: *Marilia terna*;
E logo: *Eulina ingrata*.

Deixão os mesmos Sátyros as grutas:
Hum para nós ligeiro move os passos;
Ouve-nos de mais perto, e faz a flauta
C'os pés em mil pedaços.

Dirceo (clama hum Pastor,) ah! bem merece
Da ternissima Marília a formosura.

E aonde, clama o outro, quer Eulina
Achar maior ventura?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,
Em quanto em nós durava esta porfia.
E ella, ó minha amada, só findava
Depois de acabar-se o dia.

Á noite te escrevia na cabana
Os versos, que de tarde havia feito;
Mal tos dava, e os lias, os guardavas
No casto, e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento.
Eu agora, Marilia, não as canto;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

LYRA XXII.

Por morto, Marília,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prisão.
Mas, ah! que não treme;
Não treme de susto
O meu coração.

Eu vejo, Marília,
A mil innocentes
Nas Cruzes pendentes,

Por falsos delictos,
Que os homens lhes dão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso que posso
Perder o gozar-te
A gloria de dar-te
Abraços honestos,
E beijos na mão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

Repára, Marilia,
O quanto he mais forte
Ainda que a morte,
N'um peito esforçado
De amor a paixão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

LYRA XXIII.

Não praguejes, Marília, não praguejes
A justiceira mão que lança os ferros:
Não traz de balde a vingadora espada;
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
As mãos se derão, e em seu peito morão.
Mandão prender ao Réo austera a boca,
Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a vil calumnia
Que culpa aquelle tem que applica a penna.
Não he o Julgador, he o processo,
E a lei quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano;
Aqui todos confessão suas culpas,
Não póde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes:
Huma o fogo chega, outra as serpes move;

Todos maldizem sim a sua estrella,
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe,
Bem que a prizão me dá que eu não mereço.
Qual eu sou, minha bella, não me trata,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune
Ao vassallo que julga delinquente;
Que gosto não terá podendo dar-lhe
As honras de innocente?

LYRA XXIV.

Eu vou, Marília, vou brigar co' as feras:
Huma soltárão, eu lhe sinto os passos,
Aqui aqui a espero
Nestes despidos braços.
He hum malhado tigre; a mim já corre,
Ao peito o aperto, estalão-lhe as costelas,
Desfallece, cahe, urra, treme, e morre.

Vem agora hum Leão: sacode a grenha,
Com faminta paixão a mim se lança;
Venha embora, que o pulso
Ainda não se cança.
Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira,
O corpo lhe fraquêa, os olhos inchão,
Açoita o chão convulso, arqueja, e espira.

Mas que vejo, Marília! tu te assustas?
Entendes que os destinos inhumanos
Expoem a minha vida
No cêrco dos Romanos?
Com ursos, e com onças eu não luto.

Luto c'o bravo monstro que me accusa;
Que os tigres, e leões mais féro, e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calúnia a cortadora espada;
Huma alma, qual eu tenho,
Não se recêa a nada.
Eu hei-de, sim, punir-lhe a insolencia,
Pizar-lhe o negro cóllo, abrir-lhe o peito
Co' as armas invencíveis da innocencia.

Ah, quando imaginar, que vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo
Hei-de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo immundo.
Eu então lhe direi: Infame, indêno,
Obras como costuma o vil humano;
Faço o que faz hum coração divino.

LYRA XXV.

Minha Marília,
O passarinho,
A quem roubarão
Ovos, e ninho,
Mil vezes pousa
No seu raminho,
Piando finge
Que anda a chorar.

Mas logo vôa
Pela espessura,
Nem mais procura
Este lugar.

Se acaso a vacca
Perde a vitéla,
Tambem nos mostra,
Que se desvéla,
O pasto deixa,
Muge por ella,
Até na estrada
A vem buscar.

Em poucos dias,
Ao que parece,
Della se esquece,
E vai pastar.

O voraz Tempo,
Que o ferro come,
Que aos mesmos Reinos
Devora o nome,
Tambem, Marilia,
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pezar.

Ah só não póde
Ao meu tormento
Por hum momento
Allivio dar.

Tambem, ó bella,
Não ha quem viva
Instantes breves
Na chamma activa;
Derrete ao bronze
Sendo excessiva
Ao mesmo seixo
Faz estalar.

Mas do amianto
A fêbra dura
Na chamma atura
Sem se queimar.

Tambem, Marilia,
Não ha quem negue,
Que bem que o fogo
Nos oleos pegue,
Que bem que em lingoas
Ás nuvens chegue,
Á força d'agoa
Se ha de apagar.

Se a negra pedra
Nós accendemos,
Com agoa a vemos
Mais s'inflammar.

O meu discurso,
Marilia, he resto:
A pena iguala
Ao meu affecto.
O amor que nutro
Ao teu aspecto,
E o teu semblante
He singular.

Ah! nem o tempo,
Nem inda a morte
A dôr tão forte
Pode acabar.

LYRA XXVI.

Aquelle, a quem fêz cégo a Natureza,
C'o bordão apalpa, e aos que vem pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
E dois remedios junta.

De ser céga a Fortuna eu não me queixo;
Sim me queixo de que má céga seja
Céga que nem pergunta, nem apalpa,
He porque errar deseja.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
Entrega as grossas chaves de hum thesoiro;
E lança na miseria a quem conhece
Para que serve o oiro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa
Que a traz do vicio em liberdade corra,
Eu honro as leis do Imperio, ella me opprime
N'esta vil masmorra.

Mas ah! minha Marilia, que esta queixa
Co' a sólida razão se não coaduna,

Como me queixo da Fortuna tanto,
Se sei não ha Fortuna?

Os Fados, os Destinos, essa Deosa
Que os Sábios fingem que huma roda move
He só a occulta mão da Providencia,
A sábia mão de Jove.

Nós he que somos cegos, que não vemos;
A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins varedas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas;
C'o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha bella,
He muito mais honroso.

LYRA XXVII.

A minha amada
He mais formosa
Que branco lyrio,
Dobrada rosa,
Que o cinnamomo,
Quando matiza
Co' a folha a flor.
Venus não chega
Ao meu Amor.

Vasta campina
De trigo chêa,
Quando na sésta
C'o vento ondêa,
Ao seu cabelo
Quando flutua
Não he igual.
Tem a côr negra:
Mas quanto val!

Os astros, que andão
Na esfera pura,
Quando scintilão
Na noite escura,
Não são humanos,
Tão lindos, como
Seus olhos são.
Que ao Sol excedem
Na luz que dão.

Às brancas faces,
Ah! não se atreve
Jasmis de Italia,
Nem inda a neve,
Quando a desata
O Sol brilhante
Com seu calor.
São neve, e causão
No peito ardôr.

Na breve boca
Vejo enlaçadas
As finas per'las
Com as granadas;
A par dos beijos
Rubins da India
Tem preço vil.
Nelles se agarrão
Amores mil.

Se não lhe dêsse
Compadecido
Tanto socorro
O Deos Cupido;
Se não vivêra
Huma esperança
No peito seu;
Já morto estava
O bom Dirceo.

Vê quanto póde
Teu bello rosto;
E de goza-lo
O vivo gosto!
Que sobmergido
Em hum tormento
Quasi infernal,
Porqu' inda espero
Resisto ao mal.

LYRA XXVIII.

Deten-te, vil humano,
Não espremas cicutas
Para fazer-me damno.
O çumo que ellas dão he pouco forte,
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
Ajunta ahi venenos,
Que nunca visse o mundo;
Traz o negro licôr, que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que pôz a Natureza,
Dentro no Mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta,
Bem que huma onda, e outra onda
Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra
Ás robustas raizes,
Buscando o centro, afferra,
Não teme ao furacão mais violento;
E menos se se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco, e rócha, ó bella,
Que açoita o Sul que brama,
E o Mar, que se encapella:
Não temas que do rosto a côr se mude:
Vence as róchas, e os troncos
A sólida Virtude.

A maior desventura
He sempre a que nos lança
No horror da sepultura:
O cobarde a morrer tambem caminha;
Com que males não póde
Huma alma como a minha?

LYRA XXIX.

Eu descubro procurar-me
Gentil mancebo, e loiro,
Trazia a testa adornada
Com folhas de verde loiro.
Vejo ser o Pai das Musas,
E me entrega a lyra d'ouro.

Já basta, me diz, ó filho,
Já basta de sentimento;
O cançado peixe exige
Hum breve contentamento.
Louva a formosa Marília
Ao som do meu instrumento.

Firo as cordas; mas que importa?
A dôr não socega em tanto.
Ergo a voz, então reparo
Que quanto mais corre o pranto
He mais doce, e mais sonoro
Meu terno, e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos
Na mão, que regía o braço;
E depois de estar suspenso,
De me houver hum largo espaço;
Assim diz: *o Deos Cupido*
Faz inda mais do que eu faço.

Eu te dou a minha lyra,
Louva, louva a tua Bella;
Porém vê que ta concedo
Com condição, e cautella...
Eu lhe corto a voz, dizendo,
Que só canto em honra della.

LYRA XXX.

O pai das Musas,
O Pastor loiro
Deo-me, Marilia,
Para cantar-te
A lyra de oiro.

As cordas firo,
O brando vento
Teus dotes leva
Nas brancas azas
Ao firmamento.

O teu cabelo
Vale hum thesoiro;
Hum só me adorna
A sabia frente
Melhor que o loiro.

Nesses teus olhos
Amor assiste;
Delles faz guerra;

Ninguém lhe foge;
Ninguém resiste.

Algumas vezes
Eu o diviso
Tão bem occulto
Nas lindas cóvas,
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos
Tem os seus ninhos
Destros Amores,
Nelles se gerão
Os Cupidinhos.

Vences a Venus,
Quando com arte
As armas toma,
Porque mais prenda
Ao fero Marte.

Eu produzia
Estas idéas,
Quando, Marília;
O som escuto
Das vis cadêas.

Dou hum suspiro.
Corre o meu pranto;
E inda bebendo
Lagrimas tristes,
De novo canto.

Sou da constancia
Hum vivo exemplo.
E vós, ó ferros,
Honrareis inda
De Amor o Templo.

LYRA XXXI.

Roubou-me, ó minha Amada, a sorte impía,
Quanto de meu gosava
N'um só funesto dia.

Honras de maior al, manada grossa,
Fertil, extensa herdade,
Bem reparada chóça.

Metteo-me nesta infame sepultura,
Que he sepulcro sem honras,
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha Amada, nem consigo,
Venha outro desgraçado
Sentir também comigo.

Mas se esta companhia não mereço;
Os Deoses me dão outra,
Inda de mais apreço.

Não he, não, illusão o que te digo;
Tu mesma me acompanhas;

Peno, mas he contigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabellos,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera,
Bem que subira ao Porto,
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas,
Com ardentes suspiros
Às vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas;
Huma por hum beijo,
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
Que o teu amor na ausencia
Será leal, e fino.

De novo a carta ao coração aperto,
De novo a molha o pranto
Que de ternura verto.

Ah! leve muito embora o duro Fado;
A tudo quanto tenho
Com meu suor ganhado.

Eu juro, que do roubo nem me queixe,
Com tanto, ó minha cara,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão,
Os que te amão, sómente
Porque menos te ouvirão?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa céga;
Que eu tenho aquella gloria,
Que a mil felizes nega.

LYRA XXXII.

Se o vasto mar se encapella,
E na rócha em flor rebenta,
Grossa náó, q' não tem léme,
Em vão sustentar-se intenta;
Até que naufraga, e corre
Á discrição da tormenta.

Quem não tem huma Belleza,
Em que ponha o seu cuidado,
Se o Ceo se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças que resistão
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marilia, vivo,
Encosto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada,
A face de hum pai rugosa,
N'um mar de pranto banhada,
Os amigos mascilentos,
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado,
Vejo n'ũa grande Praça
Hum Theatro levantado.
Vejo as Cruzes, vejo os Potros,
Vejo o Alfanje afiado.

Hum frio suor me cobre,
Lação-se os membros, suspiro,
Busco allivio ás minhas ancias,
Não o descubro, deliro.
Já, meu Bem, já me parece,
Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua boca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite affugenta,
Qual o Sol, que a nevoa espalha
Apenas a terra aqueça,

Ou qual Iris, que o Ceo limpa,
Quando se vê na tormenta.

Assim, Marilia, desterro
Triste illusão, e demencia;
Faz de novo o seu officio,
A razão, e a prudencia;
E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
Sóbe a viva côr ao rosto;
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto.
Vê, Marilia, o quanto póde
Contra os meus males teu rosto.

FIM.

MARILIA DE DIRCEO.

POR

F.A.G.

TERCEIRA PARTE.

LISBOA:

Na Impressão Regia. Anno 1812.

Com licença.

Vende-se na loja da Gazeta.

AO LEITOR.

A geral acceitação, que a primeira, e segunda parte da Marilia de Dirceo tem devido ao Público, animou ao seu Editor a dar á luz huma terceira parte da dita Obra, a que fez juntar outras diversas Rimas do mesmo Author, que lhe fazem honra, e que abonão assás a distincta opinião que tem adquirido naquelle genero de Poesia. Adverte o Editor, que huma terceira parte da dita Marilia de Dirceo ha tempos publicada, he Obra de outro engenho, o que facilmente conhecerá ainda o Leitor menos intelligente.

MARILIA DE DIRCEO.

LYRA I.

Convidou-me a vêr seu Templo
O cego Cupido hum dia;
Encheo-se de gosto o peito,
Fiz deste Deos hum conceito
Como delle não fazia.

Aqui vejo descorados
Os ternissimos amantes
Entre as cadêas gemerem;
Vejo nas piras arderem
As entranhas palpitantes.

*A quem ama quanto avista,
(Diz Cupido) não aterra:
Quem quer cingir o loureiro,
Tambem vai soffrer primeiro
Todo o trabalho da guerra.*

*Com tudo que te dilates
Neste sitio não convenho;
Deixa a estancia lastimosa,*

*Vem vêr a Salla formosa,
Aonde o meu Solio tenho.*

Entro n'outro grande Templo:
Que perspectiva tão grata!
Tudo quanto nelle vejo
Passa além do meu desejo,
E o discurso me arrebatá.

He de marmore, e de jaspe
O soberbo frontespicio:
He todo por dentro d'ouro,
E a hum tão rico tesouro
Inda excede o artificio.

As janellas não se adornão
De sedas de finas côres:
Em lugar de cortinados
Estão prezos, e enlaçados
Fastões de mimosas flores.

Em torno da Salla Augusta
Ardem dourados brazeiros;
Queimão rezinas, que estalão,
E postas em fumo exalão
Da Panchaya os gratos cheiros.

Ao pé do Throno os seus Genios
Alegres hymnos entoão:
Danção as Graças formosas;
E aqui as horas gostosas
Em vêz de correrem, vôão.

Estão sobre o pavimento,
Igualmente reclinados
Nos collos de seus amores,
Os grandes Reis, e Pastores
De frescas rosas coroados.

Mal o acôrdo restauro,
(Me diz, o Moço risonho:)
Como ainda não reparas
Em tantas cousas tão raras,
De que este Templo componho?

Sabes a historia de Jove?
Aqui tens o manso Touro;
Tens o Cisne decantado;
A Velha em que foi mudado,
Com a grossa chuva d'ouro.

Applica, Dirceo, agora
Os olhos para esta parte:
Aqui tens o verde Louro,
Que inda estima o Pastor louro,
E a Rede, que enlaça a Marte.

Vês este Arco destramente
De branco marfim ornado?
Á Casta Deosa servia,
E o perdêo quando dormia
Do gentil Pastor ao lado.

Vês esta Lyra? com ella
Tira Orpheo ao bem querido

*Dos infernos aonde estava.
Vês este Faról? guiava
Ao meu nadador de Abydo.*

*Vês estas duas Espadas
Ainda de sangue cheias?
A Thysbe, e a Dido matarão;
E os fortes pulsos armarão
De Pyramo, e mais de Eneas.*

*Sabes quem vai no Navio,
Que nesse mar se levanta?
He Theseo. Vês esse Pomo?
He de Cydippe, assim como
São aquelles de Atalanta.*

*Vê agora estes retratos,
Que destros pinceis fizeram:
Ah! que pinturas divinas!
Todos são das Heroínas,
Que mais victorias me dêrão.*

*Repara nesse semblante,
He o semblante de Helena:
Lá se avista a Grega Armada,
E aqui de Troya abrazada
Se mostra a funesta scena.*

*Vês est'outra formosura?
He a bella Deidamía;
Lá tem Achilles ao lado,*

*De huma saia disfarçado
Como com ella vivia.*

*Cleópatra he quem se segue:
Alli tens lançando a linha
Marco Antonio socegado,
Ao tempo em que Augusto irado,
Com armada mão caminha.*

*Aqui Hermes se figura:
Vê hum Sabio dos maiores,
Qual infame delinquente,
Ir desterrado sómente
Por contar os seus louvores.*

*Este he de Omphale o retrato:
Aqui tens (quem o diria!)
Ao grande Hercules sentado
Com as mais damas no estrado,
Onde em seu obsequio fia.*

*Anda agora a est'outra parte:
Conheces, Dirceo, aquella?
Onde váes? (lhe digo:) explica,
Que belleza aqui nos fica,
Sem fazeres caso della?*

*Ergo os olhos ponho a vista
Na imagem não explicada,
Ó quanto he digna de apreço!
Mal exclamo assim, conheço
Ser a minha doce amada.*

O coração pelos olhos
Em terno pranto sahia,
E no meu peito saltava:
Disfarçado Amor, olhava
Para mim a furto, e ria.

Depois de passado tempo,
A mim se chega, e me aballa;
Desperto de tanto assombro:
Elle bate no meu hombro,
E assim affavel me falla.

*Sim, caro Dirceo, he esta
A divina formosura,
Que te destina Cupido;
Aqui tens o laço urdido
Da tua immortal ventura.*

*O Numen, Dirceo, o Numen
Que aos trabalhos de hum humano
Desta sorte felicita,
Não he, como se accredita,
Não he hum Numen tyranno.*

*Olha se a cega Fortuna
De tudo quanto se cria,
Ou nos mares, ou na terra,
Em o seu thesouro encerra
Outro bem de mais valia?*

*Lizas faces côr de rosa,
Brancos dentes, olhos bellos,*

*Grossos beijos encarnados,
Pescoço, e peitos nevados,
Negros e finos cabellos;*

*Não vale mais, que cingires
Co' braço de sangue immundo
Na cabeça o verde louro?
Do que teres montes d'ouro?
Do que dares leis ao mundo?*

*Ah! ensina, sim ensina
Ao vil mortal atrevido,
E ao peito que adora terno,
Que tem para hum Inferno,
Para o outro hum Ceo, Cupido.*

*Ao resto Amor me convida;
Eu chorando a mão lhe beijo:
E lhe digo, Amor, perdôa
Não seguir-te; pois não vâa
A vêr mais o meu dezejo.*

LYRA II.

Em vão do amado
Filho que foge,
Venus quer hoje
Noticias ter.

Sagaz, e astuto
Elle se esconde
Em parte aonde
Ninguem o vê.

Dos signaes dados
Bem se conhece,
Que elle aborrece
A Mãe que tem.

Se os seus defeitos
Ella pública,
Razão lhe fica
De se offender.

Foge o Menino,
E disfarçado

Vive abrigado
N'uma cruel.

Com mil caricias
A impia o trata;
Nem o desata
Do peito seu.

Se a semelhança
Sempre amor gera,
Deve huma fera
Outra acolher.

Ah! se o teu nome,
Marilia, calo,
Que de ti fallo
Bem pódes crer.

LYRA III.

Tu não verás, Marília, cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudelosos,
Ou da minada Serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a grossa arêa;
E já brilharem os granetes de ouro,
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras inda novas,
Servir de adubo á terra a fertil cinza,
Lançar os grãos nas cóvas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza
Altos volumes de enredados feitos;

Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus Consultos,
Tu me farás gostosa companhia
Lendo os fastos da sabia, mestra Historia,
Os Cantos da Poesia.

Lerás em alta Voz a imagem bella;
Eu vendo que lhe dás o justo apreço;
Gostoso tornarei a lêr de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada huma belleza,
Marilia, não lhe envejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

LYRA IV.

Amor por acaso
A hum pouso chegava,
Aonde acolhida
A Morte se achava.

Risonhos, e alegres
Os braços se dêrão,
E as armas unidas
N'um sitio pozerão.

De empresas tamanhas
Cansados já vinhão,
E em larga conversa
A noite entretinhão.

Hum conta que ha pouco
A seta aguçada
Em huma belleza
Deixára empregada.

Diz outro que as flexas
Cravára no peito

De hum grande, que teve
O Mundo sujeito.

Em quanto das forças
Cada hum persumia,
Seus membros já laços
O somno rendia.

Dormindo tranquillos
A noite passárão,
E inda antes da Aurora
Com ancia acordárão.

He tempo que o leito
Deixemos, ó Morte;
Amor, já erguido
Fallou desta sorte.

He tempo, em resposta A morte repete, Que á nossa fadiga
Dormir não compete.

As armas colhamos,
Voltemos ao giro:
Cada hum a seu gosto
Empregue o seu tiro.

Vão inda c'os olhos
Em somno turbados,
Ao sitio em que os ferros
Estão pendurados.

Amor para as setas
Da morte se enclina:
De amor logo a Morte
C'o as flexas atina.

Oh golpes tyrannos!
Oh mãos homicidas!
São tiros da Morte
De Amor as feridas.

De hum sonho, que pinto,
Marilia conhece,
Se amor, ou se morte
Este alma padece.

LYRA V.

Eu não sou, minha Nize, pegureiro,
Que viva de guardar alhão gado;
Nem sou pastor grosseiro
Dos frios gêlos, e do Sol queimado,
Que veste as pardas lãs do seu cordeiro.
Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella!

A Cresso não igualo no thesouro:
Mas deo-me a Sorte com que honrado viva.
Não cinjo corôa d'ouro;
Mas Póvos mando, e na testa altiva
Verdeja a Corôa do Sagrado Louro.
Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella!

Maldito seja aquelle, que só trata
De contar escondido a vil riqueza!
Que cego se arrebatá
Em buscar nos Avós a vã nobreza,
Com que aos mais homens seus iguaes abata.

Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella!

As fortunas que em torno de mim vejo,
Por falsos bens que enganão não reputo;
Mas antes mais desejo,
Não para me voltar soberbo em bruto
Por vêr-me grande quando a mão te beijo.
Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella!

Pela Ninfa que jaz vertida em Louro,
O grande Deos Apollo não delira?
Jove mudado em Touro,
E já mudado em Velha não suspira?
Seguir aos Deoses nunca foi desdouro.
Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella.

Pertendão Hanibaes honrar a Historia,
E cinjão com a mão de sangue chêa
Os louros da victoria.
Eu revolvo os teus dons na minha idéa:
Só dons que vem do Ceo são minha gloria.
Graças, ó Nize bella,
Graças á minha Estrella!

LYRA VI.

Traducção.

Amor que seus passos
Ligeiro movia,
Por mil embaraços
Que hum bosque tecia.

Nos hombros me acena
Com brando raminho;
E logo me ordena
Que siga o caminho.

Por entre a espessura
Do bosque me avanço:
E a traz da ventura
Incauto me lanço.

Já tinha calcado
Os montes mais duros:
C'o peito rasgado
Os rios escuros.

Eis que huma serpente
A lingua vibrando,
Me crava o seu dente,
Me deixa espirando.

Então surpreendida
Da dôr que a traspassa,
Minha alma ferida
Aos beijos se passa.

As iras detesta
Amor isto vendo,
E as azas na testa
Me bate dizendo:

Tu choras, tu gemes
Da Serpe tocado,
E o braço não temes
De hum Numen irado?

LYRA VII.

Tu, formosa Marilia, já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas,
Do turvo Ribeirão em que nasceste:
Deixa, Marilia, agora
As já lavradas terras;
Anda affoita romper os grossos mares,
Anda encher de alegria estranhas terras.
Ah! que por ti suspirão
Os meus saudosos lares.

Não corres como Sapho sem ventura
Em seguimento de hum cruel ingrato,
Que não sede aos encantos da ternura:
Segues a hum fino amante,
Que a perder-te morria.
Quebra os grilhões do sangue, e vem, ó bella;
Tu já foste no Sul a minha guia.
Ah! debes ser no Norte
Também a minha Estrella.

Verás ao Deos Neptuno socegado
Aplainar co' tridente as crespas ondas;
Ficar como dormindo o mar salgado.

Verás, verás d' alheta
Soprar o brando vento,
Mover-se o léme, disrinzar-se o linho,
Seguirem os Delfins o movimento,
Que leva na carreira
O empavezado pinho.

Verás como o Leão na prôa arfando
Converte em branca espuma as negras ondas
E as talha, e corta com murmurio brando.

Verás, verás Marilia
Da janella dourada,
Que huma comprida estrada representa
A linfa cristalina, que pizada
Pela poupa que foge
Em borbotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immenso,
Tornar ao torto anzol depois de o terem
Pela rasgada boca ao ar suspenso:

Os pequenos peixinhos
Quaes passaros voarem:
De toninhas verás o mar coalhado,
Ora surgirem, ora mergulharem,
Fingindo ao longe as ondas
Que fórma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta
Hum repuxo formando com as aguas,
Que ao ar espalha da robusta venta.

Verás em fim, Marilia,
As nuvens levantadas
Humas de côr azul, ou mais escuras,
Outras de côr de rosa, ou prateadas
Fazerem no Horizonte
Mil diversas figuras.

Mal chegares á foz do claro Téjo,
Apenas elle vir o teu semblante
Dará no léme do baixel hum beijo.

Eu lhe direi vaidoso:
Não trago, não consigo
Nem pedras de valor, nem montes d'ouro,
Roubei as aureas Minas, e consigo
Trazer para os teus cofres
Este maior Thesouro.

LYRA VIII.

Em cima dos viventes fatigados
As verdes dormideiras espremia,
Os mentirosos sonhos me cercavão.

Na vaga fantasia
Ao vivo me pintavão
As glórias, que desperto
Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo a Náo possante
Nos braços conduzindo a minha bella;
Voltêa a grande roda, e a grossa amarra
Se enlêa em torno della:
Já ponho a prôa á barra,
Já cáhe ao som do apito
Ora huma, ora outra véla.

Os arvoredos já se não distinguem:
A longa praia ao longe não branqueija;
E já se vão sumindo os altos montes.
Já não ha que se veja
Nos claros Orizontes,

Que não sejam vapores,
Que Ceo, e mar não seja.

Parece vão correndo as negras ondas,
E o pinho qual rochedo estar parado:
Ergue-se a onda, vem á Náo direita
E quebra no costado:
O Navio se deita,
E ella finge a ladeira
Sahindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes;
Cahir do Láes a linha, que os engana:
Hum dourado no anzol está pendente,
Soffre morte tyranna;
Entre tanto que a sente
Ao tombadilho açoita
A cauda, e a barbatana.

Sobre as ondas descubro huma Carroça
De formosas conchinhas enfeitada;
Delfins a movem, e vem Thetis nella:
Na popa está parada:
Nem póde a Deosa bella
Tirar os brandos olhos
Da minha doce amada.

Nas costas dos Golfinhos vem montados
Os nûz Tritões, deixando a Esfera cheia
Co' rouco som dos buzios retorcidos.
Recrêa, sim recrêa
Meus attentos ouvidos

O canto sonoro
Da musica Serêa.

Já sóbe ao grande mastro o bom gageiro;
Descobre arrumação, e grita terra:
Á murada caminha alegre a gente;
Alguns entendem que erra:
Pelo immovel sómente
Conheço não ser nuvem,
Sim o cume de alta serra.

De Mafra já descubro as grandes torres;
(E que nova alegria me arrebatá!)

De Cascaes a muleta já vem perto,
Já de abordar-nos trata:
Já o piloro esperto
Inda debaixo manda
Soltar mezena, e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra:
A grossa artilheria já me atrôa.
Lá ficão Paço de Arcos, e a Junqueira.
Já corre pela prôa
Huma amarra ligeira;
E a Náo já fica surta
Diante da grã Lisboa.

Agora, agora sim, agora espero
Renovar da amizade antigos laços:
Eu vejo ao velho Pai, que lentamente
Arrasta a mim os passos:
Ah como vem contente!

De longe mal me avista
Já vem abrindo os braços.

Dóbro os joelhos pelos pés o aperto,
E manda que dos pés ao peito passe:
Marilia quanto eu fiz fazer intenta;
Antes que os pés lhe abrace
Nos braços a sustenta;
Dá-lhe de filha o nome,
Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada (ó Ceos!) acódo,
Conheço não estar no claro Tejo.
Abro os olhos, procuro a minha amada,
E nem se quer a vejo.
Venha a hora affortunada,
Em que não fique em sonhos
Tão ardente desejo.

A huma despedida.

Chegou-se o dia mais triste,
Que o dia da morte fêa:
Cahi do throno Dircéa,
Do throno dos braços teus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Impio Fado, que não pôde
Os doces laços quebrar-me,
Por vingança quer levar-me
Distante dos olhos teus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Parto em fim, e vou sem vêr-te,
Que neste fatal instante,
Ha de ser o teu semblante
Mui funesto aos olhos meus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

E crês, Dircéa, que devem
Vêr meus olhos penduradas
Tristes lágrimas salgadas
Correrem dos olhos teus?

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

De teus olhos engraçados,
Que poderão piedosos,
De tristes em venturosos
Converter os dias meus?

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Desses teus olhos divinos,
Que ternos, e socegados,
Enchem de flores os prados,
Enchem de luzes os Ceos?

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Desses teus olhos em fim,
Que domão Tigres valentes?
Que nem rígidas Serpentes
Resistem aos tiros seus?

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Da maneira que serão
Em não vêr-te criminosos
Em quanto forão ditosos,
Agora serão réos.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Parto em fim, Dircéa bella,
Rasgando os ares cinzentos;
Virão nas azas dos ventos
Buscar-te os suspiros meus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Talvez, Dircéa adorada,
Que os duros Fados me neguem
A gloria de que elles cheguem
Aos ternos ouvidos teus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

Mas se ditosos chegarem,
Pois os sôlto a teu respeito;
Dá-lhes abrigo no peito,
Junta-os c'os suspiros teus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

E quando tornar a vêr-te
Ajuntando rosto, a rosto,
Entre os que dérmos de gosto;
Restitue-me então os meus.

Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te meu bem adeos.

CANÇÃO.

Dês que vi, formosa Elvira,
Os teus divinos cabellos,
Esses vivos olhos bellos,
Que invéja dos astros são,
Foi-se, Elvira, foi-se embora
Toda a paz do coração.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Em quanto, Elvira, se occulta
A meus olhos teu semblante,
Hum minuto, hum breve instante
Parece que fim não tem.
Se alcanço de vêr-te a gloria,
Então vôa o tempo bem.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,

Se delira,
He só por motivo seu.

Quando te ris por acaso
Para outro qualquer sugeito,
Estala dentro do peito
De ciume o coração:
Se me pões os olhos julgo
Que zombas de mim então.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Quando ha brinco na floresta,
E a divina Olaia canta,
O mesmo gado levanta
A cabeça para ouvir.
Só por mais que Alceo forceje
Não póde o prazer fingir.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Quando levo á clara fonte
O rebanho do meu gado,
Cáhe-me da mão o cajado,
E com ella á testa vou:

Fico pasmado, e ignoro

O lugar aonde estou.

E talvez, talvez que Elvira

Nem se lembre de que Alceo,

Se suspira,

Se delira,

He só por motivo seu.

Quando vou segar o trigo,

(Olha bem como ando cego.)

N'uma parte nelle pego,

Metto n'outra a fouce em vão;

Dos que vem alguns se riem,

Outros mostram compaixão.

E talvez, talvez que Elvira

Nem se lembre de que Alceo,

Se suspira,

Se delira,

He só por motivo seu.

Quando me deito no colmo,

Sempre sonho que te vejo,

Que te fallo, e que te beijo

A branca nevada mão.

Acórdo, Pastora, e foges:

Eu fico mais triste então.

E talvez, talvez que Elvira

Nem se lembre de que Alceo,

Se suspira,

Se delira,

He só por motivo seu.

Quando alguém meu mal pergunta,
Bem que seja a vez primeira,
Rompo ainda que não queira
O segredo sem saber.
O teu nome, Elvira, digo,
Quando devo o seu dizer.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Fujo ao trato dos pastores,
Para hum bosque me retiro;
Com desafogo suspiro,
E chamo por ti meu bem.
Os valles que se enternecem
Chamão-te ao longe tambem.

E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Quando escuto o triste mocho
A gemer no meu telhado,
Qualquer mal excogitado
Não me deve algum temor:
Só receio que me agoure
Máo successo ao meu amor.

E talvez, talvez que Elvira

Nem se lembre de que Alceo
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

Os pastores que me avistão
Com o dedo já me apontão,
E á roda do fogo contão
Da maneira que me vem.
Sou o exemplo dos amantes
Que esta nossa Aldêa tem.
E talvez, talvez que Elvira
Nem se lembre de que Alceo,
Se suspira,
Se delira,
He só por motivo seu.

SONETO I.

He gentil, he prendada a minha Altéa;
As graças, a modestia do seu rosto
Inspírao no meu peito maior gosto,
Que vêr o proprio trigo quando ondêa.

Mas vendo o lindo gesto de Dircéa
A nova sugeição me vejo exposto;
Ah! que he mais engraçado, mais composto,
Que a pura Esfera de mil astros chêa.

Prender as duas com grilhões estreitos
He huma acção (ó Deoses!) inconstante,
Indigna de sinceros, nobres peitos.

Cupido, se tens dó de hum triste amante,
Ou fórma de Lorino dous sugeitos,
Ou fórma desses dous hum só semblante.

SONETO II.

N'um fertil campo do soberbo Douro,
Dormindo sobre a relva descansava,
Quando vi que a Fortuna me mostrava
Com alegre semblante o seu Thesouro.

De huma parte h[~u] montão de prata, e ouro
Com pedras de valor o chão curvava;
Aqui hum sceptro, alli hum trono estava,
Pendião coroas mil de grama, e louro.

*Acabou-se (diz-me então) a desventura: De quantos bens te
exponho qual te agrada, Pois benigna os concedo, vai, procura.*

Escolhi, acordei, e não vi nada:
Commigo assentei logo que a ventura
Nunca chega a passar de ser sonhada.

SONETO III.

Enganei-me, enganei-me, paciencia;
Accreditei as vozes, cri, Ormia,
Que a tua singeleza igualaria
À tua mais que angelica apparencia.

Enganei-me, enganei-me, paciencia;
Ao menos conheci que não devia,
Pôr nas mãos de huma externa galhardia
O prazer, o socego, e a innocencia.

Enganei-me, Cruel, com teu semblante,
E nada me admiro de faltares,
Que esse teu sexo nunca foi constante.

Mas tu perdestes mais em me enganares;
Que tu não acharás hum firme amante,
E eu posso de traidoras ter milhares.

SONETO IV.

Ainda que de Laura esteja ausente,
Ha de a chama durar no peito amante;
Que existe retratado o seu semblante,
Se não nos olhos meus, na minha mente.

Mil vezes finjo vê-la, e eternamente
Abraço a sombra vã; só nesse instante
Conheço que ella está de mim distante,
Que tudo he illusão que esta alma sente.

Talvez que ao bem de a vêr Amor resista;
Porque minha paixão, que aos Ceos he grata,
Por innocente assim melhor persista:

Pois quando só na idéa ma retrata,
Debuxa os dotes com que prende vista,
Esconde as obras com que offende ingrata.

SONETO V.

Ao Templo do Destino fui levado:
Sobre o Altar hum Cofre se firmava,
Em cujo seio cada qual buscava
Tremendo annuncio do futuro estado.

Tiro hum papel, e leio: Ceo Sagrado!
Com quanta causa o coração pulsava:
Este duro Decreto escrito estava,
Com negra tinta pela mão do Fado.

*Adore Polidoro a bella Ormia, Sem della conseguir a recompensa,
Nem quebrar-lhe os grilhões a tyrannia.*

Das mãos, Amor mo arranca, e sem detença
Tres vezes o levando á boca impía,
Jurou comprir á risca a tal sentença.

SONETO VI.

Ergue-te, ó Pedra, e desde a margem fria,
Que os muros banha a Lusitana Athenas,
Mostra-me as desmaiadas assucenas
Do rosto que me occupa a fantasia.

Deixa [~q] eu beije a mão, [~q] pôde hum dia
Ceder de amor ás lastimosas scenas;
Q'entre as ancias, a dôr, a mágoa, as penas
Renove a saudosa idolatria.

Solto do véo mortal, oh Feliz Astro,
Une ao cadaver a truncada testa,
Levanta o bello cólo de alabastro:

Huma alma grande junto a ti protesta
Fazer a gloria da defunta Castro;
A illustre Neta vez: Maria he esta.

*Á Illustrissima e Excellentissima Senhora Condessa de
Cavalleiros, D. Maria José de Eça e Bourbon.*

SONETO VII.

Quantas vezes Lidora me dizia,
Ao terno peito minha mão levando,
Conjurem-se em meu mal os Astros, quando
Achares no meu peito aleivosia.

Então que não chorasse lhe pedia,
Por firme seu amor acreditando;
Ah! que em movendo os olhos suspirando
Ao mais acautellado enganaria.

Hum anno assim viveo: ó Ceos! agora
Mostrou que era mulher: a natureza
Só por não se mudar a fez traidora.

Não, não darei mais cultos á belleza,
Que depois de faltar á fé, Lidora,
Nem creio que nas Deosas ha firmeza.

SONETO VIII.

O Numen Tutelar da Monarquia,
Que fez do grande Henrique a invicta espada,
Procurou dos Destinos a morada,
Por consultar a idade que viria.

A mil, e mil heróes descriptos via,
Que exaltão de Furtado a estirpe honrada,
E na serie, que adora dilatada,
O nome de Francisco descobria.

Contempla huma por h[~u]a as letras d'ouro,
Este penhor, que o tempo não consome,
Promette ao Reino seu maior thesouro.

Prosta-se o Genio: e sem [~q] a empreza tome
De lhe buscar sequer mais outro agoiro,
O sitio beija, e lhe mostra o nome.

*Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Visconde de Barbacena,
Francisco Furtado de Mendonça.*

SONETO IX.

Nascer no berço da maior grandeza,
De palmas, e de louros rodeado,
Deve-se aos grandes Pais, ao Tronco honrado,
Que illustra desde longe a natureza.

Se porém muito mais se adora, e preza
O dom que o nobre sangue trás herdado
Pela propria virtude sustentado,
Feliz o objecto da presente empreza.

De mil Heróes no Téjo vencedores
Hum ramo nasce, hum ramo que a memoria
Faz immortal de seus Progenitores.

Eu leio em vaticinio a sua historia;
Une Francisco a par de seus maiores
Ao herdado esplendor a propria gloria.

Ao mesmo excellentissimo Visconde.

SONETO X.

Mudou-se em fim Lidora, essa Lidora
Por quem mil vezes fé me foi jurada;
Que vos detem (ó Ceos!) que castigada
Ainda não deixais tão vil traidora?

Não haja piedade: sinta agora
A dita sem remedio em mal trocada;
Pois se assim não succede, fica ousada
Para ser outra vez enganadora.

Vingai, ó justos Ceos..., mas ah! [~q] digo?
Que maltrateis Lidora? o sentimento
Privou-me do discurso, eu me desdigo.

Não, não vibreis o raio violento;
Pois sei que a compaixão do seu castigo,
Hade augmentar depois o meu tormento.

SONETO XI.

A Deos cabana, a Deos; a Deos, ó gado,
Albina ingrata, a Deos, em paz te deixo:
A Deos doce rabil, neste alto freixo
Te fica ao meu destino consagrado.

Se te for meu successo perguntado,
Não declares rabil de quem me queixo;
Não quero que se saiba vive Aleixo
Por causa de huma infame desterrado.

Se vires a Pastor desconhecido,
Lhe dize então piedoso: Ah! vaite embora,
Atalha os damnos, que outros tem sentido.

Habita nesta Aldêa huma Pastora
De rosto bello, coração fingido,
Humas vezes cruel, e as mais traidora.

SONETO XII.

Com pezadas cadeias maniatado,
Às vozes da razão insurdecido,
Dos Ceos, de mim, dos homens esquecido
Me vi de amor nas trévas sepultado.

Alli aliviava o meu cuidado
Cõ dar de quando em quando algum gemido:
Ah tempo! que sómente reflectido
Me fazes entre as ditas desgraçado.

Assim vivia, quando a falsidade
De Laura me tornou n'um breve dia
Quanto a razão não pôde em longa idade.

Quebrei o vil grilhão que me opprimia:
Ó feliz de quem gosa a liberdade!
Bem que venha por mãos da aleivosia.

SONETO XIII.

Obrei quanto o discurso me guiava;
Ouvi os Sabios quando errar temia:
Aos bons no gabinete o peito abria;
Na rua a todos como iguaes honrava.

Julgando os crimes nunca voto dava
Mais duro, ou pio do que a Lei pedia;
Mas podendo salvar o justo ria,
E devendo punir ao réo chorava.

Nem forão, Villa Rica, os meus intentos
Metter em ferreo cofre copia d'ouro,
Que chegue aos filhos, e que passe aos netos.

Outras são as venturas que me agouro:
Ganhei saudades, adquiri affectos,
Vou fazer destes bens melhor thesouro.

*Feito quando o Author acabou o Lugar de Ouvidor de Villa Rica, e
foi despachado para Desembargador da Bahia.*

SONETO XIV.

Quando o torcido buço derramava
Terror no aspecto ao Portuguez sisudo,
Quando sem pó, nem oleo o pente agudo
Duro intonso o cabelo em laço atava.

Quando contra os Irmãos o braço armava
O forte Nuno opondo escudo, a escudo;
Quando a palavra que perfere a tudo
Com a barba arrancada João firmava.

Quando a mulher á sombra do marido
Tremer se via: quando a Lei prudente
Zelava o sexo do civil ruido;

Feliz então, então só innocente
Era de Luso o Reino: oh bem perdido!
Ditosa condição, ditosa gente!

SONETO XV.

Sombras illustres dos varões famosos,
Que á Grecia, e Roma destes Leis hum dia;
Vós que do Elysio na região sombria
Respiraes entre os Zefiros mimosos.

Grande Licurgo, ó tu Solon, [~q] honrosos
Louros cingis, que egregia companhia
Fazeis aos Mazzarinos, eu queria
Adorar vossos vultos magestosos.

Vós fizesteis da vossa Patria a gloria;
Por vós hoje he feliz a humanidade:
Que dignos sois de huma immortal historia!

Cesce, cesse porém vossa vaidade;
Que basta a escurecer vossa memoria
Hum Carvalho, que adora a nossa idade.

*Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Pombal
reformando a Universidade de Coimbra.*

SONETO XVI.

As molles azas a bater começa
Entre as palhas o tenro passarinho,
E largos dias por deixar o ninho
Se cança, se fadiga, se arremeça.

H[~u] impulso, outro impulso é vão se apresa,
Já se firma no pé, já no biquinho,
Nas folhas se tem, passa ao raminho
Té que a penna se esforce, e se endureça.

Quando emfim he capaz de movimento
Deixa os arbustos vaga pelos ares,
E sobre as altas faias toma assento:

Estes sejam, Salicio, os exemplares
Em que a vossa virtude anime o alento,
Porque hum dia da Fama honre os Altares.

Ao Illustrissimo Senhor Luiz Beltrão de Gouvea.

ODE.

Se entre as lours arêas
Do meu Jaquitinhonha, hum Genio erguido
 Às Regiões alheas
Manda que em doce metro reppetido
 Hoje o teu Nome leve,
Tanto á virtude, meu Beltrão, se deve.

Vejo a sordida inveja
De ira morder-se, e as serpes sacudindo
 Por se tragar forceja:
De pejo, e de vergonha em vão cobrindo
 Co' as frias mãos o rosto,
Geme a calumnia no mortal desgosto.

Vós, Genios fortunados,
Que do Templo da Gloria honrais a estancia,
 Os meritos sagrados
Cantai do bom Ministro: He a constancia,
 A sabia fortaleza
He quem o guia na maior empreza.

Se os rigidos palmares
Da Idumeya consulto; o bravo Noto
 Os tormentosos ares
Não podem mais dobralos: zomba immoto,
 Nem ás ondas tem medo
Sobranceiro ao Egeo, firme penedo.

Tal a constancia tua
Em meio foi dos perfidos rumores;
A verdade, que nua
Derramava em teu rosto as vivas côres,
Sobre as aras decentes
Vio por triunfo mil trofeos pendentes.

A vigilancia, o zelo,
A rectidão do espirito; elevada
Ao grão mais rico, e bello,
Essa virtude, que nos traz provada
Em meio dos Thesouros
A sã virtude, que enobrece os Louros:

Tudo, tudo apparece
Sabio Ministro da victoria ao lado;
Athenas, que me offerece
No seu público Erario accreditado
Aristides, o Justo,
Em ti acena o seu modelo augusto.

Mil vezes orgulhosa
Negra calumnia o seu desterro tenta;
A virtude preciosa
Contra o fero Themistocles sustenta.
Não ha força que baste,
Não ha poder que o peito lhe contraste.

Feliz o Rei, o Povo,
Feliz tambem de Themis a ballança;
De hum modo raro, e novo
Nas tuas mãos eu vejo, que descança:

Aos premios, ao castigo
Se reparte sem queixa o braço amigo.

Ah! sinta a nossa idade
De hum sangue illustre, de hum talento raro
A próvida igualdade!
Melhor do que nos marmores de Pharo,
Em memoria nos vindouros
T'ergue o Serro h[~u] Padrão nos seus Thesouros.

Imitando o sonho de Scipião.

ODE.

Já vou tocando, ó Licio,
De Lustros dez o fatigado termo;
E já meu corpo enfermo
Se avisinha da morte ao duro officio:
Que cedo o meu destino me promette
Calcar as sombras do medonho Lethe!

Eu descerei contente
A ver os Manes dos Avós amados;
Que bem aventurados,
Se outro mundo tratarão, se outra gente!
Não virão elles, como eu triste vejo,
O velho mando peiorar sem pejo.

Passarão da innocencia
Pela candida estrada os pés levando;
Inda a fera violencia
Não corrompia da Justiça o mando;
Praticava-se a prósua igualdade
Entre a Santa Virtude, e a vil maldade.

A pura fé do Amigo,
Renovava de Orestes a memoria:
Commum era o perigo,
Reciproca tambem a pena, a gloria:
Que traições, e que enganos tem disposto
Em nossos dias hum fingido rosto!

Tudo se vê mudado
Nesta idade fatal em que de ferro
O Idolo adorado
Torpemente protege o crime, o erro:
Como de susto, e de vergonha cheia
Se retira de nós a bella Astrea!

Ah! E quem de teus laços
Deve ao pezo gemer, ó mundo cego?
Rotos em mil pedaços
Os teus grilhões a pendurar já chego;
Não mais os teus encantos me deleitem,
Estes miseros restos se aproveitem.

Que differentes climas
Já me finjo habitar! Os brandos ares,
Que tu Zefiro, animas
Que prazeres me inspirão! Dos pezares,

Das magoas, do desgosto, e do tormento
Aqui não sôa o tragico lamento.

Sôlto do mortal manto
Cuido que o centro dos Elysios piso!
Oh quanto he bella, quanto
A margem deste Lago! Em fresco riso
Lirios, e rosas, quaes não colhe Flora,
Aqui saudão a perpetua Aurora.

Adoravel sciencia,
Que encheste as noites, e esgotaste os dias,
Da humana intelligencia,
Agora sei quam longe te desvias!
Este o seio da luz, aonde tudo
Sem fadiga se alcança, e sem estudo!

O número, a distancia
Dos Orbes Celestiaes já sabio admiro:
Noto a eterna constancia
Do Planeta da Luz; observo o giro
Da Terra, que regula a varia face
Com que a proxima Lua, ou morre, ou nasce.

Certa, e firme a carreira
Já marco de Saturno, Marte, ou Jove,
Da esfera derradeira
Contemplo a força, que os mais Orbes move;
A harmonia me encanta acorde, e rara,
Que de Samos o Sabio já notára.

Aqui se patentêa
Dos errados systemas o conceito;
E longe a minha idéa
De vacilar, já firma o mais perfeito.
Quem senão tu, ó Genio, sobre humano
Libertar me poderá deste engano!

De Massinissa o Paço
De Carthago ao Heróe tal scena pinta:
Ao soberbo ameaço
Da Fortuna, elle vê clara, e distincta,
Qual o meu Genio me retrata agora,
A bella Patria, onde o descanso mora.

He este, ó Licio, he este
Sem dúvida, o Paiz bello, e sereno,
Aonde em paz celeste
Não respira da inveja o atroz veneno:
E aonde livres da infeliz mudança
Descança o teu, e o meu bom Pai descança.

Que doce companhia
Deveremos fazer-lhes? Ah se apresse
O momento que hum dia
Tão gostosa união nos lavra, e tece!
Cheguemos a beijar as Mãos Sagradas,
Que enchem de gloria as immortais Moradas.

Em praticas suaves
Alli as breves horas gastaremos;
Nem já nos serão graves
Na lembrança os trabalhos que aqui temos;

Nem da pezada humanidade nossa
Pena haverá, que atormentar-nos possa.

Mas tu, que dos humanos
Reges, ó Grande Deos, a dubia sorte;
Tu, que a meta dos annos
Firmas, descendo de teu mando a morte,
Dilata os dias do meu Licio, em quanto,
Douto me instrue, e me entertem seu canto.

FIM

End of Project Gutenberg's Marilia de Dirceo, by Tomás António
Gonzaga

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK MARILIA DE
DIRCEO ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS
WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic

works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or

with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™

License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.

- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF

WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution

of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur:

(a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not

necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.